PLACAR

EDIÇÃO DE COLECIONADOR

Bellini, 1958

Mauro, 1962

Carlos Alberto, 1970

Dunga, 1994

Cafu, 2002

7 893614 110738
ED.1439 MAIO 2018 R$ 15,00

As fichas de todos os jogos / Os nossos heróis / As melhores fotos

PRELEÇÃO

SOMOS TRI

Placar nasceu campeã. Foi em março de 1970 que a revista foi lançada, às vésperas do mundial do México. Para sua primeira cobertura de Copa, dois nomes se destacaram. Um foi Lemyr Martins, mestres das lentes, que pela revista, além de futebol, fez centenas de coberturas de Fórmula 1. Além dele, outro mestre, Sebastião Marinho, fotógrafo carioca que colecionou imagens memoráveis.

Depois vivemos a expectativa do tetra nos mundiais de 1974, na Alemanha, 1978, na Argentina, e talvez nossa maior aposta, já como uma revista madura e consagrada, a Copa de 1982, na Espanha. Tudo estava bem. Tínhamos uma geração brilhante, com Zico, Falcão, Júnior e o Doutor Sócrates, que naquele momento, além de tudo, era colunista de Placar, realizando um diário da Copa. Caímos diante da Itália, mas contamos nossa tragédia com o brilhantismo e os textos memoráveis de Carlos Maranhão e Marcelo Rezende. Nos reencontramos com a vitória em 1994, nos Estados Unidos. No time da Placar, constavam Juca Kfouri e PVC, esse ainda um menino, mas já muito talentoso.

Em 1998 apostamos alto na França. Placar foi a primeira revista brasileira redigida, desenhada, fotografada e enviada, no exterior, diretamente para a Gráfica da Editora Abril. A equipe era comandada por Marcelo Duarte, hoje na Rádio Bandeirantes, além de Sérgio Xavier, hoje no SporTV, e Alfredo Ogawa. Depois disso, fomos pés-quentes em 2002, com Arnaldo Ribeiro, atualmente na ESPN, e Ricardo Corrêa, sempre em nossas páginas. Conseguimos o nosso tri e nas Copas seguintes, com profissionais como o fotógrafo Alexandre Battibugli e o repórter André Rizek, hoje apresentador do SporTV, mantivemos a qualidade e fizemos a nossa parte: um jornalismo campeão. Que venha a Rússia 2018!

Parte da equipe Placar na Copa de 98, comandada por Marcelo Duarte, recebe a visita do mascote Footix, na redação montada em Paris

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990)

ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Alecsandra Zapparoli e Giancarlo Civita

Presidente do Grupo Abril: Arnaldo Figueiredo Tibyriçá

Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo
Diretor de Assinaturas: Ricardo Perez
Diretora de Mercado: Isabel Amorim
Diretora de Marketing: Andrea Abelleira

PLACAR

Colaboraram nesta edição:
Rodolfo Rodrigues (texto), L.E. Ratto (arte), Alexandre Battibugli e Ricardo Corrêa (foto) e Renato Bacci (revisão)
Controle Administrativo: Cristiane Pereira
Atendimento ao Leitor: Sandra Hadich
CTI: André Luiz, Marcelo Tavares e Marisa Tomas
www.placar.com.br

PUBLICIDADE Cristiano Persona (Financeiro, Mobilidade, Imobiliário e Serviços Empresariais), Daniela Serafim (Tecnologia, Telecom, Saúde, Educação, Agro e Serviços), Júlio Tortorello (Beleza, Higiene, Varejo, Indústria, Pet, Mídia e Cultura), Renata Miolli (Alimentos, Bebidas e Turismo), Rafael Pereira (Moda, Decoração e Construção), William Hagopian (Regionais), André Beck (Colaboração em Direção de Publicidade - Rio de Janeiro), Christiane Martinez (Agências de PR e Associações) e George Fauci (Colaboração em Direção de Publicidade - Brasília) ASSINATURAS E VAREJO Daniela Vada (Atendimento e Operações), Ícaro Freitas (Varejo), Juliana Fidalgo (Cobros), Ludi Silva (Relacionamento e Gestão Comercial), Patrícia Frangioni (Comunicação), Rodrigo Chinaglia (Produtos) e Wilson Paschoal (Canais de Vendas) ABRIL BRANDED CONTENT Sergio Gwercman MARKETING DE MARCAS Carolina Fiorati (Eventos), Cinthia Obrecht (Estilo de Vida e Femininas) e Thaís Rocha (Veja e Vejinhas) ESTRATÉGIA DIGITAL Edson Ferrão e Thiago Barros (Relações com o Mercado) MERCADO/BI Rafael Gajardo SEO Isabela Sperandio PARCERIAS E TENDÊNCIAS Ailton Lopes PRODUTO Leandro Castro e Pedro Moreno MARKETING CORPORATIVO Maurício Panfilo (Pesquisa de Mercado), Diego Macedo (Abril Big Data) e Gloria Portelo (Licenças) VÍDEO André Vaisman (Colaboração em Direção de vídeo), Alexandre de Oliveira (Técnico e Editorial), Rudah Rosen (Arte e Corporativo) e Silvio Navarro (Informação) PROJETOS ESPECIAIS Sérgio Ruiz DEDOC E ABRILPRESS Adriana Kazan PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES Adriana Favilla, Emiliana Pires RECURSOS HUMANOS Ana Kohl (Remuneração e Benefícios), Karina Victorio (Desenvolvimento Organizacional) e Patrícia Araujo (Consultoria Interna de RH) RELAÇÕES CORPORATIVAS Douglas Cerny

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7.221, 20º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1439 (EAN 789.3614.11073-8), ano 47, é uma publicação da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. PLACAR não admite publicidade redacional.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO: Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens acesse: www.abrilstock.com.br

Atendimento ao Assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-775-2112 www.abrilsac.com

Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-7752145 www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ABRIL GRÁFICA Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP

Presidente AbrilPar: Giancarlo Civita

Presidente do Grupo Abril: Arnaldo Figueiredo Tibyriçá

Diretora da CASACOR: Lívia Pedreira
Diretor Superintendente da Gráfica: Eduardo Costa
Diretor Total Express: Ariel Herszenhorn
Diretor Comercial da Total Publicações: Osmar Lara

Diretor de Finanças e Administração: Marcelo Bonini
Diretora Jurídica: Mariana Macia
Diretora de Recursos Humanos: Renata Marques Valente
Diretor de Tecnologia: Ricardo Schultz

www.grupoabril.com.br

© CAPA: RICARDO CORRÊA, ARQUIVO [illegible]

SUMÁRIO

Um abraço e cinco títulos. Pelé ganhou três em campo. Ronaldo, um no banco de reservas e outro nos gramados. Que eles abracem Neymar!

PENTACAMPEÕES

Bellini, capitão do primeiro título, na Suécia

1958

Mauro, capitão do bi, no Chile

1962

Carlos Alberto, capitão do tri, no México

19

O BRASIL É O ÚNICO JOGOU FUTEBOL TÃO ESTÁ NA HORA DE AU

Dunga, capitão do tetra, nos Estados Unidos

Cafu, capitão do penta, na Copa da Coreia do Sul e do Japão

PENTA! NINGUÉM BEM COMO NÓS. MENTAR A GALERIA

Oito anos depois da doída derrota na final do mundial de 1950 para o Uruguai, no Maracanã, a seleção brasileira reencontrou sua alma e, com uma geração genial, conquistou sua primeira Copa atravessando o continente

A TAÇA DO MUNDO É NOSSA!

Gilmar, Zagalo e Garrincha e Nilton Santos passam o bandeirão e a corrente pra frente de um Brasil que nascia finalmente para as glórias mundiais

© ARQUIVO DO ESTADO

O INÍCIO DA HEGEMONIA

Em suas cinco primeiras Copas, a seleção brasileira colecionou fiascos e desculpas. Em 1930, foi ao Uruguai sem seus melhores jogadores por causa de brigas políticas entre paulistas e cariocas. Em 1934 e 1938, pôs a culpa arbitragem por não conseguir chegar à final. Em 1950, em casa, o problema foi de autoconfiança. Já em 1954, o trauma era o grande vilão. Para 1958, a seleção brasileira chegou renovada e com novidades. O novo presidente da CBD (João Havelange) colocou um técnico novo (Vicente Feola), um chefe de delegação competente (Paulo Machado de Carvalho) e inovou levando psicólogo e dentista. Entre os jogadores, havia ainda uma questão controversa e não confirmada, de que o grupo teria sido montado com uma maioria branca, já que os negros teriam sido diagnosticados como nostálgicos e emocionalmente vulneráveis. Mito ou verdade, do time que estreou na Copa apenas dois eram negros: Dida e Didi, que coincidentemente tinham dois reservas negros (Pelé e Moacir). Porém, essas questões à parte, a seleção que foi para a Suécia contava com jogadores geniais e talentosos. Havia os considerados sérios, mas não tão bons de bola, como Bellini, Dino Sani e Joel, e os craques nada sérios, como Garrincha e Didi, além do jovem Pelé, de apenas 17 anos, que chegou a ser contestado por muitos que defendiam a ida do veterano Zizinho, de 39 anos.

Na Suécia, Pelé chegou machucado (após levar uma entrada desleal num amistoso contra o Corinthians às vésperas da Copa). Assim, viu Mazzola começar como titular no ataque ao lado de Joel, Vavá e Zagalo. E no primeiro jogo, contra a Áustria, foi justamente Mazzola quem brilhou ao marcar dois gols na vitória por 3 x 0. Outro destaque foi o lateral esquerdo Nilton Santos, que, desobedecendo ao técnico Vicente Feola, foi ao ataque e marcou o segundo gol do jogo, algo raro para um defensor. No jogo seguinte, porém, o duro 0 x 0 contra a Inglaterra esfriou um pouco os ânimos e fez com que Feola repensasse a formação do time. Assim, contra a extinta União Soviética, saíram da equipe titular Dino Sani, Joel e Mazzola para as entradas de Zito, Pelé e Garrincha. O ponta-direita, numa exibição fenomenal, começou o jogo de forma endiabrada, entortando os zagueiros soviéticos e metendo duas bolas na trave em dois minutos. Depois, aos 3 minutos, deu o passe para Vavá abrir o placar. No segundo tempo, o próprio Vavá marcou mais um e garantiu a vitória e a classificação da seleção brasileira, que passou a encantar os suecos.

Gilmar dos Santos Neves: um dos maiores goleiros de todos os tempos, era também um dos mais experientes do grupo de 58

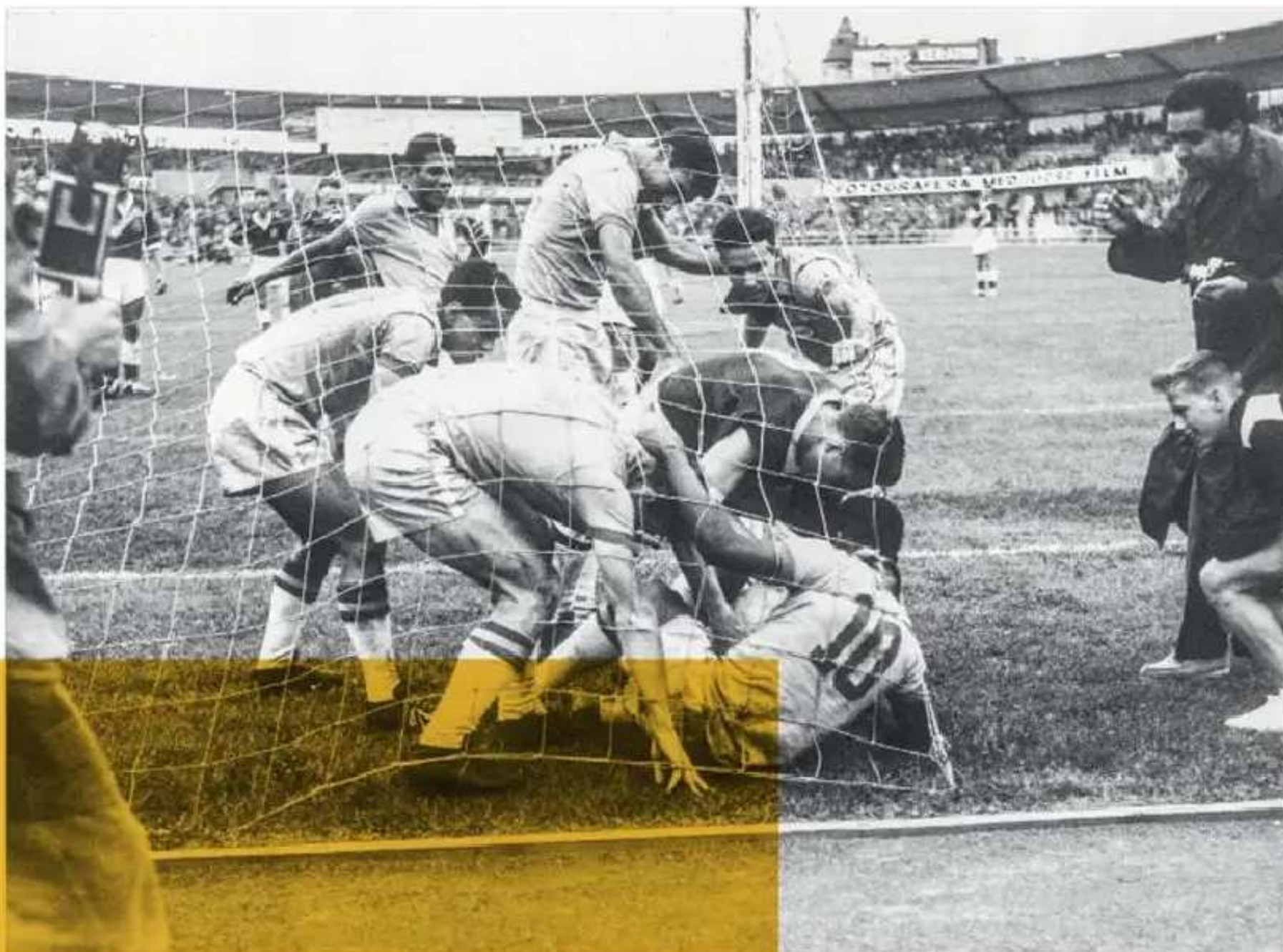
A seleção em campo, Pelé, o primeiro da fila. O mundo estava apresentado ao gênio. Bellini, nosso capitão, dá as boas vinda aos ingleses

©ARQUIVO DO ESTADO

O TALENTO DECIDIU

Com uma defesa invicta (o goleiro Gilmar não sofreu gol na primeira fase), a seleção brasileira foi para o seu primeiro jogo contra a fraca seleção do País de Gales como franca favorita. Depois da ótima exibição contra a União Soviética, o time de Vicente Feola foi chamado de magnífico e o que se esperava em Gotemburgo era outro show de bola e muitos gols. Mas o Brasil sofreu. Parou na forte marcação dos galeses, que se tornaram no fim das contas o adversário mais cascudo da seleção naquele mundial. Num jogo de ataque contra defesa durante os 90 minutos, o Brasil conseguiu furar o bloqueio apenas uma vez, graças ao talento e o improviso do genial Pelé. Depois de receber um ótimo lançamento de Didi (outro que desequilibrou), Pelé matou a bola no peito, deu um lençol no zagueiro e, antes de esperar a bola quicar no gramado, bateu firme, colocado, no canto para fazer 1 x 0 e garantir a vitória que colocava o Brasil na semifinal.

Cinco dias depois, em Estocolmo, o adversário foi então a forte seleção francesa, com seu ataque poderoso (havia feito 15 gols em quatro jogos, ante apenas seis dos brasileiros) e o goleador Just Fontaine, que acabou sendo o artilheiro daquela Copa com incríveis e até hoje inalcançáveis 13 gols na mesma edição. E, confirmando toda a expectativa em torno da partida, o jogo entre brasileiros e franceses foi excelente. No primeiro tempo, equilibrado, Vavá fez 1 x 0 logo aos 2 minutos. Aos 8, porém, Fontaine empatou. Depois, aos 39, Didi, com seu chute "folha seca", fez 2 x 1. Na etapa final, porém, Pelé destoou. O menino de 17 anos marcou três gols (aos 8, 19 e 31 minutos) e garantiu o Brasil na final da Copa. Piantoni ainda descontou para a França no fim do melhor jogo daquele mundial. No dia seguinte, não faltavam elogios à seleção brasileira. "Eles parecem vir de outro planeta", destacou o jornal francês *L'Equipe*.

Nilton Santos, firme na marcação: ele foi um dos maiores destaques brasileiros na competição, num elenco recheado de craques imortais

Brasileiros brigam pela bola com um galês: jogo literalmente apertado (acima). Pelé espera o rebote do goleiro do País de Gales, que não aconteceu

©ARQUIVO DO ESTADO

1958 HISTÓRIA DO 1º TÍTULO

Pelé chora pela conquista, amparado por Djalma Santos e Garrincha. Gilmar espanta o perigo e Bellini representa o Brasil contra a França

Pelé na final: aos 17 anos, ele enfrentou sem medo a dureza da marcação europeia, jogou com toda sua arte e encantou o mundo

© ARQUIVO DO ESTADO

ENFIM CAMPEÃO

Além da curiosa numeração utilizada na Copa do Mundo da Suécia (reza a lenda que o uruguaio Lorenzo Villizio, membro do comitê organizador da Copa, definiu os números por conta própria), a seleção brasileira teve outro fato inusitado no mundial de 1958. Sem levar uniforme reserva (já que só a Suécia jogava de amarelo e geralmente o time da casa mudava a camisa quando o visitante tinha uniforme semelhante), a seleção brasileira foi obrigada a usar uma nova camisa na decisão, já que a Suécia acabou vencendo o sorteio determinado pela Fifa para ver quem jogava a final de amarelo. Assim, um dia antes da final, o roupeiro Francisco de Assis precisou caçar camisas azuis e ainda teve que tirar os escudos das camisas amarelas para bordar nas novas. Para não causar desconfiança nos jogadores e nos mais supersticiosos, o chefe da delegação, Paulo Machado de Carvalho, acalmou a todos dizendo que o azul era a "cor do manto de Nossa Senhora Aparecida". Assim, de azul, o Brasil foi para a final contra os donos da casa como grande favorito. E nem mesmo com o susto inicial – levou um gol logo aos 4 minutos – o time brasileiro viu a possibilidade de uma nova tragédia. Para acalmar a equipe, o experiente Didi pegou a bola após o gol sueco, virou-se para os companheiros e disse: "Vamos encher esses gringos de gol. Nós somos os melhores". E não deu outra. Vavá, com gols aos 8 e aos 32 minutos, virou o jogo e tranquilizou o time. No segundo tempo, Pelé, aos 11, marcou o terceiro gol após dar um lençol no zagueiro Axbon. Em seguida, aos 23, Zagallo fez 4 x 1, confirmando a superioridade brasileira. No finzinho, a Suécia descontou e Pelé ainda teve tempo de marcar o quinto gol e selar a goleada. Jogo encerrado, Brasil 5 x 2 e campeão mundial. Mário Américo, massagista, pega a bola do juiz e corre para o vestiário. Pelé ajoelha-se no gramado e chora, assim como Gilmar, Zagalo, Nilton Santos e Dida. O Brasil tornava-se ali campeão pela primeira vez. E para sempre.

Nosso primeiro caneco, nas mãos de Bellini; Gilmar ampara o garoto Pelé, emocionado; e Vavá, que marcou dois na final; todos ali entraram para a história

ARQUIVO DO ESTADO

1958 HERÓIS E TABELÃO

Nº	Jogador	Pos.	Idade	Clube	J	G
1	Castilho	G	31 anos (27/4/1927)	Fluminense	0	0
2	Bellini	Z	28 anos (7/6/1930)	Vasco	6	0
3	Gilmar	G	27 anos (22/8/1930)	Corinthians	6	0
4	Djalma Santos	LD	29 anos (27/2/1929)	Portuguesa	1	0
5	Dino	V	26 anos (23/5/1932)	São Paulo	2	0
6	Didi	M	28 anos (8/10/1929)	Botafogo	6	1
7	Zagallo	A	26 anos (9/8/1931)	Flamengo	6	1
8	Oreco	M	22 anos (18/5/1936)	Flamengo	0	0
9	Zózimo	Z	25 anos (19/6/1932)	Bangu	0	0
10	Pelé	A	17 anos (23/10/1940)	Santos	4	6
11	Garrincha	A	24 anos (28/10/1933)	Botafogo	4	0
12	Nilton Santos	LE	33 anos (16/5/1925)	Botafogo	6	1
13	Moacir	Z	27 anos (30/8/1930)	São Paulo	0	0
14	De Sordi	Z	27 anos (14/2/1931)	São Paulo	5	0
15	Orlando	Z	22 anos (20/9/1935)	Vasco	6	0
16	Mauro	Z	25 anos (13/6/1932)	Corinthians	0	0
17	Joel	A	26 anos (23/11/1931)	Flamengo	2	0
18	Mazzola	A	19 anos (24/7/1938)	Palmeiras	3	2
19	Zito	V	25 anos (8/8/1932)	Santos	4	0
20	Vavá	A	23 anos (12/12/1934)	Vasco	4	5
21	Dida	A	24 anos (26/3/1934)	Flamengo	1	0
22	Pepe	A	23 anos (25/2/1935)	Santos	0	0

TÉCNICO
VICENTE FEOLA
49 anos (1/11/1909)

ARTILHEIRO
PELÉ - 6 GOLS

Fim de jogo, Pelé se ajoelha, sem acreditar que, aos 17 anos, conquistava o mundo

Vavá empata o jogo em 1 x 1 no jogo final contra os donos da casa, a Suécia

PRIMEIRA FASE

8/6/1958 – Rimnersvallen (Uddevalla)
BRASIL 3 x 0 ÁUSTRIA

Juiz: Maurice Guigues (França);
Público: 20 000; **Gols:** Mazzola 37 do 1º; Nilton Santos 6 e Mazzola 44 do 2º
BRASIL: Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando e Nilton Santos; Dino e Didi; Joel, Mazzola, Dida e Zagallo.
Técnico: Vicente Feola
ÁUSTRIA: Szanwald, Halla, Hanappi, Ernst Happel e Swoboda; Koller e Senekowitsch; Hork, Buzek, Korner e Schleger. **Técnico:** Josef Molzer

11/6/1958 – Nya Ullevi (Gotemburgo)
BRASIL 0 x 0 INGLATERRA

Juiz: Albert Dusch (Alemanha Ocidental);
Público: 40 985
BRASIL: Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando e Nilton Santos; Dino e Didi; Joel, Mazzola, Vavá e Zagallo.
Técnico: Vicente Feola
INGLATERRA: McDonald, Howe, Clamp, Wright e Banks; Slater e Bobby Robson; Douglas, Kevan, Haynes e A'Court. **Técnico:** Walter Winterbottom

15/6/1958 – Nya Ullevi (Gotemburgo)
BRASIL 2 x 0 UNIÃO SOVIÉTICA

Juiz: Maurice Guigues (França);
Público: 50 928; **Gols:** Vavá 3 do 1º; Vavá 31 do 2º
BRASIL: Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Pelé e Zagallo.
Técnico: Vicente Feola
UNIÃO SOVIÉTICA: Lev Yashin, Kesarev, Krizhevskiy, Kuznetsov e Voynoy; Tsarev e Valentin Ivanov; Aleksandr Ivanov, Simony, Igor Netto e Ilyin.
Técnico: Gavril Kachalin

QUARTAS DE FINAL

19/6/1958 – Nya Ullevi (Gotemburgo)
BRASIL 1 x 0 PAÍS DE GALES

Juiz: Friedrich Seipelt (Áustria);
Público: 25 923; **Gol:** Pelé 20 do 2º
BRASIL: Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Mazzola, Pelé e Zagallo. **Técnico:** Vicente Feola
PAÍS DE GALES: Kelsey, Williams, Charles, Bowen e Hopkins; Sullivan e Hewitt; Medwin, Webster, Allchurch e Jones. **Técnico:** Jimmy Murphy

SEMIFINAL

24/6/1958 – Solna-Rasunda (Estocolmo)
BRASIL 5 x 2 FRANÇA

Juiz: Mervyn Griffiths (País de Gales);
Público: 27 100; **Gols:** Vavá 2, Fontaine 9 e Didi 39 do 1º; Pelé 8, 19 e 31 e Piantoni 38 do 2º
BRASIL: Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Pelé e Zagallo.
Técnico: Vicente Feola
FRANÇA: Abbes, Kaelbel, Marcel, Lerond e Jonquet; Penverne e Kopa; Wisnieski, Fontaine, Piantoni e Vincent. **Técnico:** Albert Batteux

FINAL

29/6/1958 – Solna-Rasunda (Estocolmo)
BRASIL 5 x 2 SUÉCIA

Juiz: Mervyn Griffiths (País de Gales);
Público: 49 737; **Gols:** Liedholm 4 e Vavá 9 e 32 do 1º; Pelé 10 e 45, Zagallo 23 e Simonsson 35 do 2º
BRASIL: Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Pelé e Zagallo.
Técnico: Vicente Feola
SUÉCIA: Svensson, Borjesson, Axbom, Julle e Bergmark; Parling e Liedholm; Hamrin, Gren, Simonsson e Skoglund. **Técnico:** George Raynor

1958 HISTÓRIA DO 1º TÍTULO

BRASIL CAMPEÃO

Em pé: Djalma Santos, Zito, Bellini, Nilton Santos, Orlando e Gilmar. Agachados: Garrincha,

O MUNDIAL 1958

Didi, Pelé, Vavá e Zagallo

ARQUIVO DO ESTADO

1962 HISTÓRIA DO BI

Fim de jogo em Santiago. O Brasil alcançava o bicampeonato, mesmo sem Pelé, contundido, mas com Garrincha muito inspirado

Depois de ganhar o mundial na Suécia, a CBD repetiu a fórmula de sucesso, montou praticamente a mesma comissão técnica e levou quase o mesmo grupo de jogadores para chegar ao bi na Copa no Chile

A RECEITA DE CAMPEÃO FUNCIONOU

© ARQUIVO DO ESTADO

1962 PRIMEIRA FASE

PAÍS CHORA A DOR DE PELÉ

Depois de ganhar a Copa do Mundo de 1958, na Suécia, a seleção brasileira viveu um período de total tranquilidade. Em 32 jogos como campeão mundial, o Brasil venceu 28, empatou dois e perdeu apenas dois (para Argentina e Uruguai) até o início da Copa de 1962. Nos últimos dois anos, já sob o comando do técnico Aymoré Moreira, que substituiu Vicente Feola, afastado por problemas de saúde, foram 11 jogos e 11 vitórias. Buscando manter a mesma receita de 1958, a CBF do presidente João Havelange repetiu o planejamento e manteve quase a mesma comissão técnica, o período de testes e até voou no mesmo avião (da Panair do Brasil) com o mesmo piloto, Guilherme Bungner. E, dos 22 jogadores convocados, 14 estiveram na Copa anterior, entre eles os titulares Gilmar, Djalma Santos, Nilton Santos, Zito, Didi, Garrincha, Pelé e Zagallo. Com uma equipe pra lá de entrosada e favorita, porém, a seleção brasileira acabou "decepcionando" na primeira fase. Não pelos resultados em si, mas pelo modo como jogou, principalmente na estreia, quando venceu o México por 2 x 0, em Viña del Mar, e depois contra a Tchecoslováquia, no mesmo estádio Sausalito, quando empatou por 0 x 0. Com um time aparentando certo cansaço e sem tanto brilho, o Brasil passou pelo México graças ao talento de Garrincha e Pelé. O primeiro fez uma linda jogada para Zagallo marcar seu único gol na Copa, e o segundo passou por quatro defensores mexicanos antes de marcar um golaço. Aos 21 anos e vivendo uma fase espetacular no Santos, Pelé sentiu uma fisgada na virilha esquerda logo aos 28 minutos do primeiro tempo no jogo contra a Tchecoslováquia e acabou perdendo o resto da Copa em consequência da lesão. Apesar de ficar em campo contra os tchecos apenas para fazer número, já que as substituições não eram permitidas, Pelé mal tocou na bola, causando uma enorme preocupação para a torcida brasileira. No jogo seguinte, contra a Espanha, o primeiro tempo serviu ainda para aumentar a angústia. Diante de um time entrosado e com os craques Puskas, Gengo e Santamaría, o Brasil saiu atrás, com um gol de Abelardo aos 35 minutos do primeiro tempo. Na sequência, Nilton Santos cometeu pênalti claro em Collar, mas malandramente deu um passo para fora da área, enganando o árbitro chileno Sergio Bustamante, que marcou apenas falta. Na segunda etapa a seleção viu um endiabrado Garrincha entortar a zaga espanhola e dar duas assistências preciosas para Amarildo, o substituto de Pelé, que marcou duas vezes, dando a vitória ao time brasileiro e mostrando que havia esperança sem o Rei em campo.

Pelé estreia com gol contra o México. Já contra a Tchecoslováquia, uma fisgada forte na virilha afasta nosso maior craque do mundial

© ARQUIVO DO ESTADO

1962 QUARTAS E SEMI

A VEZ DO ANJO TORTO

Sem Pelé, a grande referência e esperança da seleção brasileira passou a ser Garrincha. Driblador nato, o craque do Botafogo, porém, costumava jogar pela ponta direita e não tão centralizado quanto Pelé. Para suprir essa carência do Rei, o técnico Aymoré Moreira não poderia tirar Garrincha da direita. Mané, porém, não quis saber da orientação do treinador e, em uma de suas maiores exibições em Copas, brilhou jogando pela direita, esquerda e pelo meio de campo. Com os brios mexidos antes do jogo, quando lhe disseram que o lateral inglês Flowers iria pará-lo, Garrincha parecia ensandecido em campo. No primeiro tempo, abriu o placar com um raro gol de cabeça. Na etapa final, depois de entortar até o lendário Bobby Charlton, Garrincha deu a vitória à seleção brasileira, que havia levado o empate no fim da primeira etapa. Aos 8 minutos, Mané cobrou uma falta com muita força, fazendo a bola bater no peito do goleiro Springett, que deu rebote para Vavá fazer 2 x 1. Em seguida, aos 14 minutos, deu um chutaço de fora da área, no ângulo do goleiro inglês. Na comemoração, ainda brincou com Didi: "Viu? Não é só você que sabe chutar assim", disse Garrincha, referindo-se ao famoso chute "folha seca". Após a atuação de gala de Mané, o técnico inglês, Walter Winterbottom, queixou-se: "Preparamos nossos rapazes durante quatro anos para enfrentar times de futebol. Não esperávamos um jogador como Garrincha". E com o anjo das pernas tortas voando, o Brasil passou por cima dos donos da casa na partida seguinte, pela semifinal, no lotado Estádio Nacional de Santiago. Garrincha, mais uma vez inspirado, marcou duas vezes no primeiro tempo, que acabou 2 x 1 para o Brasil. No início da segunda etapa, o ponta-direita fez ótima jogada e cruzou para Vavá aumentar para 3 x 1. O time chileno, de pênalti, descontou aos 16 minutos, mas Vavá, novamente, aos 32, selou a vitória. No final do jogo, Garrincha, cansado de apanhar, deu um chute no traseiro de Rojas e acabou expulso, numa cena cômica.

Didi era a firmeza em campo. Pelé, afastado por contusão, deixou a cargo de Mané Garrincha a condução do bicampeonato em terras chilenas

ARQUIVO DO ESTADO

1962 HISTÓRIA DO BI

Garrincha dribla os russos e o cão invasor. Expulso contra o Chile, foi beneficiado por uma manobra da CBD para estar na final ao lado do artilheiro Vavá

ARQUIVO DO ESTADO

1962 FINAL

VITÓRIA DO FUTEBOL ARTE

Os dias que antecederam a final da Copa de 1962 foram tensos para a seleção brasileira, apesar de todo o favoritismo sobre a Tchecoslováquia. Com a ausência de Pelé confirmada, o Brasil poderia perder ainda Garrincha pela expulsão na semifinal. Mas por sorte, e por uma manobra da CBD – que, reza a lenda, pagou para o árbitro peruano Arturo Yamazaki deixar o Chile antes do julgamento –, a Fifa não tirou Garrincha da decisão. O craque brasileiro, porém, pegou um vírus comum de gripe e amanheceu com 39 graus de febre no dia da final. Os tchecos não sabiam disso, e, pensando em parar o melhor jogador da Copa, colocaram até três marcadores em Garrincha na decisão. Mané, sem poder contar com sua plenitude física, passou o jogo, como ele mesmo disse, se divertindo, engando o time do Leste Europeu. "Fiquei fingindo o tempo todo", relembrou às gargalhadas tempos depois. Apenas movimentando o corpo, sem tocar na bola, em uma de suas jogadas características, Garrincha fazia seus marcadores andarem para lá e para cá, divertindo a plateia no Estádio Nacional, que parecia mais ver um artista do que um jogador em campo. Com o show de Garrincha à parte, a seleção brasileira começou a final tomando um pequeno susto ao levar um gol do principal jogador tcheco, Masopust, aos 15 minutos do primeiro tempo. Mas logo na saída de bola Amarildo empatou o jogo. E o próprio Amarildo, que ficou conhecido como o substituto de Pelé, fez uma bela jogada pelo lado esquerdo, cruzando para o volante Zito marcar de cabeça o gol da virada aos 24 minutos do segundo tempo. Pouco depois, aos 33 minutos, Djalma Santos lançou uma bola na área e o bom goleiro Schrojf acabou se atrapalhando e soltando a bola no pé de Vavá, que fez o terceiro gol, confirmando a vitória e o bicampeonato mundial para o Brasil. Após o espetáculo brasileiro, o capitão Mauro Ramos, que disse que não iria à Copa caso não fosse titular, ergueu o troféu Jules Rimet no centro do campo, repetindo o gesto que Bellini consagrou em 1958 e eternizando o único bi da nossa seleção na história das Copas do Mundo.

O capitão Mauro repete o gesto de Bellini. Amarildo, o possesso, em ação contra os tchecos. E Pelé, que assistiu a tudo de camarote

© ARQUIVO O ESTADO

1962 HERÓIS E TABELÃO

Nº	Jogador	Pos.	Idade	Clube	J	G
1	Gilmar	G	31 anos (22/8/1930)	Santos	6	-5
2	Djalma Santos	LD	33 anos (27/2/1929)	Palmeiras	6	0
3	Mauro Ramos	Z	31 anos (30/8/1930)	Santos	6	0
4	Zito	V	29 anos (8/8/1932)	Santos	6	1
5	Zózimo	V	29 anos (19/6/1932)	Fluminense	6	0
6	Nilton Santos	LE	37 anos (16/5/1925)	Botafogo	6	0
7	Garrincha	A	28 anos (28/10/1933)	Botafogo	6	4
8	Didi	M	32 anos (8/10/1929)	Botafogo	6	0
9	Coutinho	A	18 anos (11/6/1943)	Santos	6	0
10	Pelé	A	21 anos (23/10/1940)	Santos	2	1
11	Pepe	A	27 anos (25/2/1935)	Santos	0	0
12	Jair Marinho	Z	24 anos (17/7/1936)	Fluminense	0	0
13	Bellini	Z	31 anos (7/6/1930)	São Paulo	0	0
14	Jurandir	Z	21 anos (12/11/1940)	São Paulo	0	0
15	Altair	LE	24 anos (22/1/1938)	Fluminense	0	0
16	Zequinha	M	27 anos (18/11/1934)	Palmeiras	0	0
17	Mengálvio	M	22 anos (17/12/1939)	Santos	0	0
18	Jair da Costa	A	21 anos (9/7/1940)	Portuguesa	0	0
19	Vavá	A	27 anos (12/12/1934)	Palmeiras	6	4
20	Amarildo	A	21 anos (29/7/1940)	Botafogo	4	3
21	Zagallo	A	30 anos (9/8/1931)	Botafogo	6	1
22	Castilho	G	35 anos (27/4/1927)	Fluminense	0	0

TÉCNICO
AYMORÉ MOREIRA
50 ANOS (24/4//1912)

ARTILHEIROS
GARRINCHA E VAVÁ
4 GOLS

Vavá marca de cabeça contra a Inglaterra, no rebote de um chute de Garrincha

O valente volante Zito conciliava habilidade e capacidade de marcação. E, de quebra, ainda marcou um gol na final

PRIMEIRA FASE

30/5/1962 – Sausalito (Viña del Mar)
BRASIL 2 x 0 MÉXICO

Juiz: Gottfried Dienst (Suécia); **Público:** 10484;
Gols: Zagallo 11 e Pelé 28 do 2º
BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro Ramos, Zózimo e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Pelé e Zagallo. **Técnico:** Aymoré Moreira
MÉXICO: Carbajal, Del Muro, Sepúlveda e Villegas; Cárdenas e Nájera; Del Aguilla, Reyes, Hector Hernández, Jasso e Diaz. **Técnicos:** Ignacio Telles e Alejandro Scopelli

2/6/1962 – Sausalito (Viña del Mar)
BRASIL 0 x 0 TCHECOSLOVÁQUIA

Juiz: Pierre Schwinte (França); **Público:** 14903
BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro Ramos, Zózimo e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Pelé e Zagallo. **Técnico:** Aymoré Moreira
TCHECOSLOVÁQUIA: Schrojff, Lala, Popluhar e Novak; Pluskal e Masopust; Stibranyi, Scherer, Adamec, Kvasnak e Jelinek. **Técnico:** Rudolf Vytlacil

6/6/1962 – Sausalito (Viña del Mar)
BRASIL 2 x 1 ESPANHA

Juiz: Sergio Bustamante (Chile); **Público:** 18715;
Gols: Adelardo 35 do 1º; Amarildo 27 e 41 do 2º
BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro Ramos, Zózimo e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagallo. **Técnico:** Aymoré Moreira
ESPANHA: Araquistáin, Rodri, Etcheberria e Gràcia; Vergés e Pachín; Adelardo, Collar, Peiró, Puskas e Gento. **Técnico:** Helenio Herrera

QUARTAS DE FINAL

10/6/1962 – Sausalito (Viña del Mar)
BRASIL 3 x 1 INGLATERRA

Juiz: Pierre Schwinte (França); **Público:** 17736;
Gols: Garrincha 31 e Hitchens 36 do 1º; Vavá 8 e Garrincha 14 do 2º
BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro Ramos, Zózimo e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagallo. **Técnico:** Aymoré Moreira
INGLATERRA: Springett, Armfield e Wilson; Bobby Moore, Norman e Ron Flowers; Douglas, Greaves, Hitchens, Haynes e Bobby Charlton. **Técnico:** Walter Winterbottom

SEMIFINAL

13/6/1962 – Nacional (Santiago)
BRASIL 4 x 2 CHILE

Juiz: Arturo Yamazaki (Peru); **Público:** 73856;
Gols: Garrincha 9 e 32 e Toro 42 do 1º; Vavá 2 e 33 e Leonel Sánchez 17 do 2º; **Expulsão:** Garrincha 38 do 2º
BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro Ramos, Zózimo e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagallo. **Técnico:** Aymoré Moreira
CHILE: Escuti, Eyzaguirre, Raúl Sánchez e Manuel Rodríguez; Contreras e Rojas; Ramírez, Toro, Landa, Tobar e Leonel Sánchez. **Técnico:** Fernando Riera

FINAL

17/6/1962 – Nacional (Santiago)
BRASIL 3 x 1 TCHECOSLOVÁQUIA

Juiz: Nikolai Latichev (União Soviética);
Público: 68679; **Gols:** Masopust 15 e Amarildo 17 do 1º; Zito 24 e Vavá 33 do 2º
BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro Ramos, Zózimo e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagallo. **Técnico:** Aymoré Moreira
TCHECOSLOVÁQUIA: Schrojff, Lala, Popluhar e Novak; Pluskal e Masopust; Pospichal, Scherer, Kadraba, Kvasnak e Jelinek. **Técnico:** Rudolf Vytlacil

1962 HISTÓRIA DO BI

BRASIL BICAMPEÃ

Em pé: Djalma Santos, Zito, Gilmar, Zózimo, Nilton Santos e Mauro Ramos. Agachados:

ÃO MUNDIAL 1962

Garrincha, Didi, Vavá, Amarildo e Zagallo

Com uma campanha perfeita (seis vitórias nas Eliminatórias e seis na Copa), o Brasil chegou ao tricampeonato no México de forma brilhante e eternizou o time de ouro, que conquistou definitivamente a Taça Jules Rimet

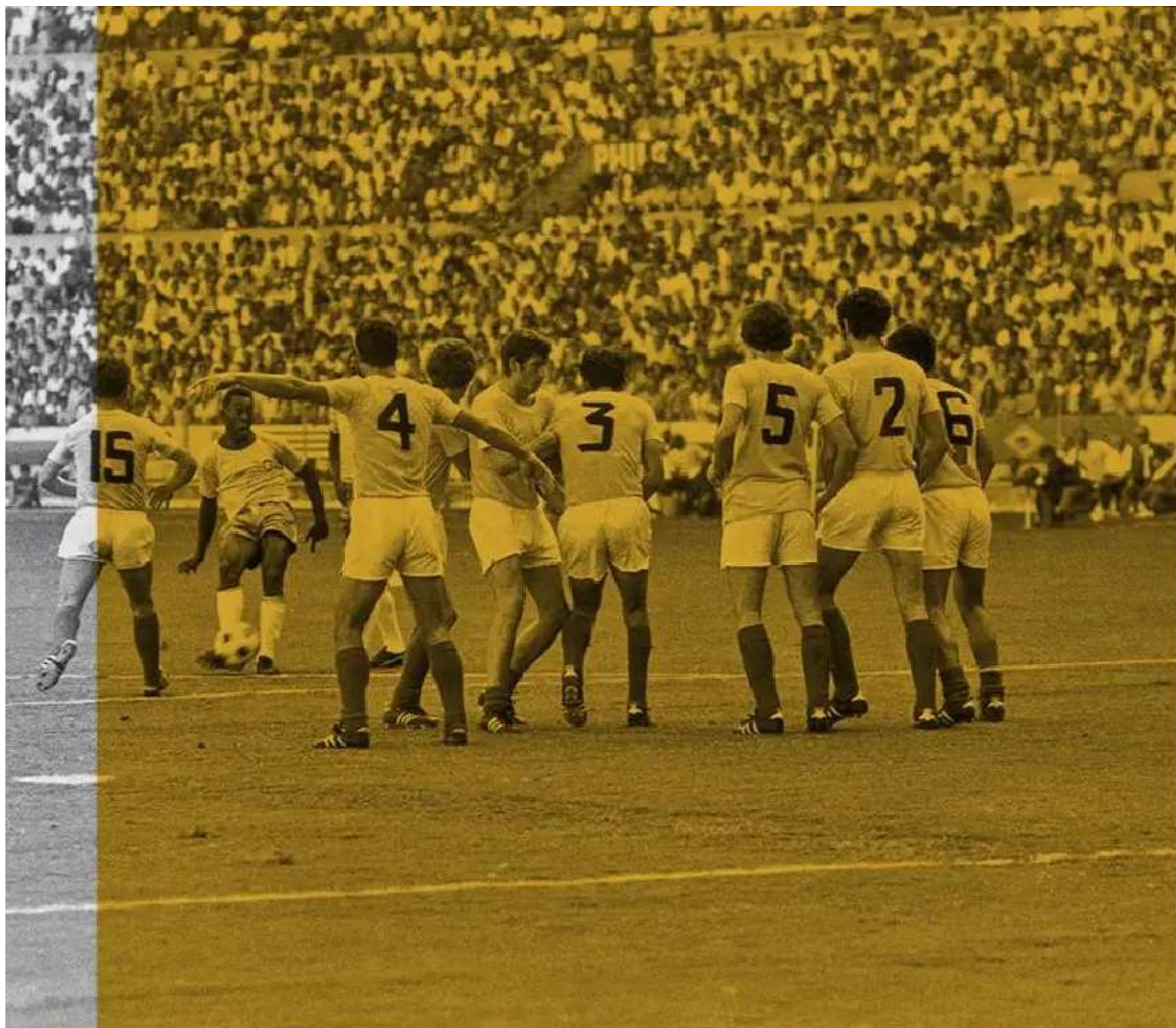
A MELHOR SELEÇÃO DE TODAS

Delírio frenético nos gramados mexicanos. O maior jogador de todos os tempos é carregado em triunfo por torcedores ensandecidos

1970 PRIMEIRA FASE

PRA FRENTE, BRASIL!

A categoria de Pelé batendo falta contra os romenos. Jairzinho marcou contra a Inglaterra. A patada de Rivellino contra o Peru e Clodoaldo em festa

Bicampeã em 1958 e 1962, a seleção brasileira foi um fiasco no mundial de 1966, na Inglaterra, quando caiu na primeira fase da competição. A falta de organização às vésperas da Copa – quando 44 jogadores chegaram a ser convocados para o período de treinos –, foi crucial para o vexame. Assim, um ano depois da Copa de 1966, o então presidente da CBD, João Havelange, colocou Zagallo como novo treinador no lugar de Aymoré Moreira, que por sua vez já havia substituído Vicente Feola, o técnico campeão de 1958 que dirigiu a seleção também na Inglaterra. Com Zagallo, porém, a seleção não adquire um padrão e, apesar de alguns bons resultados, é muito criticada. Assim, cedendo à pressão da imprensa, Havelange coloca o aclamado jornalista João Saldanha para comandar o time. O inusitado treinador, na primeira entrevista, diz que seu time teria 11 feras e faz sucesso, principalmente após a campanha avassaladora nas Eliminatórias, com seis vitórias em seis jogos e 23 gols marcados. Pouco antes do início da Copa, porém, Saldanha perdeu o cargo após o empate por 1 x 1 contra o Bangu num jogo treino, no dia 14 de março de 1970. Assim, Zagallo foi novamente acionado. Mas o Lobo demorou para acertar o time das "Feras do Saldanha", fazendo inúmeros testes, tirando Pelé e Tostão do time e até escalando Dario, o preferido do então presidente da República, Emilio Garrastazu Médici. Mas após um longo e histórico período de quase 40 dias de treinos pré-Copa e a pressão dos líderes da equipe, Pelé, Carlos Alberto Torres e Gérson, Zagallo define o time, que começa arrasando na estreia, ao vencer a Tchecoslováquia por 4 x 1, de virada, com um gol de Rivellino (e sua patada), um de Pelé e dois de Jairzinho, o Furacão da Copa. Pelé ainda eternizou um lance ao tentar marcar um gol do meio de campo sobre o goleiro Viktor. No segundo jogo da primeira fase, a seleção pegou a então campeã do mundo Inglaterra, no que se chamou de "jogo do século". No primeiro tempo, muito disputado, o principal lance foi a cabeçada de Pelé, defendida milagrosamente pelo goleiro Gordon Banks, naquela que é considerada a melhor defesa da história. No segundo tempo, aos 14 minutos, após linda jogada de Tostão, Pelé recebe na área e dá um passe magistral para Jairzinho encher o pé e marcar o gol da vitória. Na terceira partida, no estádio Jalisco, em Guadalajara (como nos dois primeiros), o Brasil, desfalcado de Gérson e Rivellino, vence a Romênia por 3 x 2, com dois gols de Pelé e outro de Jairzinho, confirmando o primeiro lugar do grupo.

1970 QUARTAS E SEMI

90 MILHÕES EM AÇÃO

O Brasil todo parou para ver a Copa do Mundo em frente à TV, no primeiro mundial transmitido ao vivo, com imagens ainda em preto e branco. Nas quartas de final, a seleção de Zagallo teve como adversário o Peru, treinado curiosamente por Didi, bicampeão em 1958 e 1962. O rival sul-americano, com talvez sua melhor seleção na história, era ofensivo e tinha como destaque o meia Cubillas. Os peruanos, porém, tinham um goleiro nada confiável. E foi ali que o Brasil construiu sua tranquila vitória, apesar do placar de 4 x 2. Rivellino, com seu petardo rasteiro de fora da área, fez 1 x 0 logo aos 11 minutos. Tostão, aos 15, ampliou com um chute da linha de fundo que Rubiños aceitou. Ainda no primeiro tempo, Gallardo, atacante, ex-Palmeiras nos anos 60, diminui. No início do segundo tempo, Tostão aproveitou uma sobra do goleiro após um chute de Pelé e fez 3 x 1. O ofensivo Peru não desiste e marca de novo aos 25, com Cubillas. Mas antes que o time peruano começasse a gostar do jogo, Jairzinho fez 4 x 2 aos 30 e decretou a vitória e a vaga para a semifinal, ao lado de outros dois bicampeões mundiais (Itália e Uruguai) e da Alemanha Ocidental, campeã em 1954. O Brasil, novamente, teve outro rival sul-americano pelo caminho, o Uruguai, seu carrasco da Copa de 1950. Vinte anos depois, a seleção brasileira tinha a chance de enterrar o fantasma do Maracanã, que ainda não tinha sido absorvido pela torcida. Novamente favorito e claramente com um time superior, o Brasil, porém, começou a partida nervoso. Gérson, o principal articulador das jogadas de ataque, com seus lançamentos, é anulado pela zaga uruguaia. E aos 19 minutos, num lance despretensioso, a Celeste sai na frente com um gol de Luis Cubilla. A tragédia de 1950 volta à tona a cada minuto que passa. Zagallo percebe então a dificuldade da equipe e resolve trocar Gérson de posição com o volante Clodoaldo. A mudança deu certo. Aos 44 minutos, o próprio Clodoaldo, mais avançado, empatou o jogo. No segundo tempo, o jogo segue nervoso, com o Brasil atacante e o Uruguai se defendendo, esperando outro contra-ataque mortal. Aos 31 minutos, no entanto, Jairzinho recebeu ótimo passe de Tostão e virou o jogo. Alívio brasileiro, que passa a jogar solto no Jalisco. Pelé, com uma jogada sensacional, deu um drible da vaca no goleiro Mazurkiewicz e, mesmo não conseguindo o gol, tornou o lance inesquecível pela criatividade. Depois, aos 44 minutos, Rivellino selou a vitória com um belo gol, vingando de certa forma a decisão de 1950.

Um lance antológico: Pelé cabeceia firme, para o chão, como manda o manual do craque. Mas Gordon Banks defende no pé da trave. Milagre!

1970 HISTÓRIA DO TRI

Momentos do Rei: a comemoração que virou marca registrada e até selo dos correios e o gesto que parecia solidário – e que no entanto só parecia

© LEMYR MARTINS

1970 A FINAL

O ETERNO TIME DE OURO

Pela primeira vez o Brasil saiu de Guadalajara para jogar na Cidade do México, justamente na final da Copa. No estádio Azteca, com 110 mil torcedores, a seleção brasileira teve pela frente a Itália, bicampeã em 1934 e 1938, que também lutava para conquistar definitivamente a taça Jules Rimet, que seria entregue à primeira seleção que conquistasse a Copa três vezes. A Azzurra, de Facchetti, Mazzola, Rivera e Gigi Riva, campeã da Euro de 1968, tinha deixado pelo caminho a forte Alemanha de Beckenbauer e Gerd Müller na semifinal e chegava animada. O Brasil, com cinco vitórias em cinco jogos e com um time esplendoroso, era, porém, o favorito. Quando a bola rolou, não só o país, mas a seleção brasileira entrou no clima daquela "corrente pra frente", da contagiosa música "Pra frente Brasil". E, como era de se esperar, a Itália começou o jogo recuada, esperando a seleção brasileira. Assim, os 15 primeiros minutos foram lentos, com as equipes se estudando. Mas aos 18, Rivellino descolou um cruzamento para a área e encontrou Pelé, que subiu bonito para abrir o placar de cabeça, ganhando no alto do zagueiro Burgnich, famoso por sua impulsão. A Itália, mesmo precisando do empate, segue fechada, esperando para dar o bote. E, após um erro de Clodoaldo, aos 39 minutos, conseguiu executar sua estratégia e chegou ao empate com um gol de Boninsegna. Abalado com o gol, o Brasil demora a se encontrar na partida. No segundo tempo, aos 20 minutos, porém, Gérson, o canhotinha de ouro, acertou um lindo chute de fora da área para desempatar o jogo e fazer a seleção brasileira respirar aliviada. Para não cair no erro do primeiro tempo, o Brasil, em vantagem, chama a Itália para o seu campo e passa a jogar nos contra-ataques. Assim, aos 25 minutos, Gérson faz um ótimo lançamento para Pelé na área. Ele só ajeita de cabeça para Jairzinho, que não passou um jogo em branco, marcar 3 x 1. Festa no Azteca, que parou para ver a seleção brasileira envolver a Itália com seu toque de bola. Sem oferecer perigo, a Itália tomou ainda o golpe fatal. Após linda jogada de Clodoaldo, que passou por cinco marcadores, a bola foi para Gérson, que abriu depois para Jairzinho. O Furacão da Copa achou Pelé na área, que friamente deu um passe perfeito para Carlos Alberto fuzilar o goleiro Albertosi e fazer 4 x 1. Goleada brasileira na final da Copa e o tricampeonato garantido. O dia 21 de junho de 1970 entrou para a história. Pelé, carregado pela multidão no estádio Azteca, era o símbolo daquela seleção, considerada a melhor de todas as Copas.

© LEMYR MARTINS

© SEBASTIÃO MARINHO

©LEMYR MARTINS

O Capitão Carlos Alberto Torres e a Jules Rimet. Tostão e Pelé comemoram o 4º gol. Antes do jogo final, as equipes perfiladas

1970 HERÓIS E TABELÃO

Nº	Jogador	Pos.	Idade	Clube	J	G
1	Félix	G	32 anos (24/12/1937)	Fluminense	6	-7
2	Brito	Z	30 anos (9/8/1939)	Flamengo	6	0
3	Piazza	Z	27 anos (25/2/1943)	Cruzeiro	6	0
4	Carlos Alberto	LD	25 anos (17/7/1944)	Santos	6	1
5	Clodoaldo	V	20 anos (25/9/1949)	Santos	6	1
6	Marco Antônio	LE	19 anos (6/2/1951)	Fluminense	2	0
7	Jairzinho	A	25 anos (25/12/1944)	Botafogo	6	7
8	Gérson	M	29 anos (11/1/1941)	São Paulo	4	1
9	Tostão	A	23 anos (25/1/1947)	Cruzeiro	6	2
10	Pelé	A	29 anos (23/10/1940)	Santos	6	4
11	Rivellino	M	24 anos (1/1/1946)	Corinthians	5	3
12	Ado	G	23 anos (4/7/1946)	Corinthians	0	0
13	Roberto Miranda	A	25 anos (31/7/1943)	Botafogo	2	0
14	Baldocchi	Z	24 anos (14/3/1946)	Palmeiras	0	0
15	Fontana	Z	29 anos (31/12/1940)	Cruzeiro	2	0
16	Everaldo	LE	25 anos (11/9/1944)	Grêmio	5	0
17	Joel Camargo	Z	23 anos (18/9/1946)	Santos	0	0
18	Paulo César Caju	A	21 anos (16/6/1949)	Botafogo	4	0
19	Edu	A	20 anos (6/8/1949)	Santos	1	0
20	Dario	A	24 anos (4/3/1946)	Atlético-MG	0	0
21	Zé Maria	LD	21 anos (9/8/1931)	Portuguesa	0	0
22	Leão	G	20 anos (11/7/1949)	Palmeiras	0	0

TÉCNICO
ZAGALLO
38 ANOS (9/8/1931)

Jairzinho foi chamado de o Furacão da Copa, pelo seu ímpeto e por seus gols

ARTILHEIRO
JAIRZINHO
7 GOLS

Carlos Alberto Torres comemora o desfecho de uma das jogadas mais bonitas da Copa e o quarto gol do Brasil contra a Itália

PRIMEIRA FASE

3/6/1970 – Jalisco (Guadalajara)
BRASIL 4 x 1 TCHECOSLOVÁQUIA

Juiz: Ramón Barreto (Uruguai); **Público:** 52 890;
Gols: Petrás 12 e Rivellino 24 do 1º; Pelé 15 e Jairzinho 19 e 38 do 2º;
Cartões amarelos: Gérson, Tostão e Horvath
BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza (Fontana 43 do 2º) e Everaldo; Clodoaldo, Gérson (Paulo César Caju 17 do 2º) e Rivellino; Jairzinho, Tostão e Pelé.
Técnico: Zagallo
TCHECOSLOVÁQUIA: Viktor, Dobias, Horvath, Migas e Hagara; Kuna, Hrdlicka (Kvasnak, intervalo) e Adamec; Frantisek Vesely (Bohumil Vesely 14 do 2º), Petras e Jokl. **Técnico:** Josef Marko

---

7/6/1970 – Jalisco (Guadalajara)
BRASIL 1 x 0 INGLATERRA

Juiz: Abraham Klein (Israel); **Público:** 57 108;
Gol: Jairzinho 14 do 2º; **Cartão amarelo:** Franny Lee
BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Paulo César Caju e Rivellino; Jairzinho, Tostão (Roberto Miranda 23 do 2º) e Pelé.
Técnico: Zagallo
INGLATERRA: Gordon Banks, Wright, Labone, Bobby Moore e Cooper; Mullery, Ball e Bobby Charlton (Jeff Astle 23 do 2º); Franny Lee (Bell 23 do 2º), Hurst e Peters. **Técnico:** Alf Ramsey

---

10/6/1970 – Jalisco (Guadalajara)
BRASIL 3 x 2 ROMÊNIA

Juiz: Ferdinand Marschall (Áustria); **Público:** 50 804;
Gols: Pelé 19, Jairzinho 22 e Dumitrache 34 do 1º; Pelé 22 e Dembrovschi 39 do 2º;
Cartões amarelos: Mocanu e Dumitru
BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Fontana e Everaldo (Marco Antônio 15 do 2º); Clodoaldo (Edu 29 do 2º), Piazza e Paulo César Caju; Jairzinho, Tostão e Pelé. **Técnico:** Zagallo
ROMÊNIA: Adamache (Necula 27 do 1º), Satmareanu, Lupescu, Dinu e Mocanu; Dumitru, Numweiller e Dembroschi; Neagu, Dumitrache (Tataru 27 do 2º) e Mircea Lucescu.
Técnico: Angelo Niculescu

QUARTAS DE FINAL

14/6/1970 – Jalisco (Guadalajara)
BRASIL 4 x 2 PERU

Juiz: Vital Loraux (Bélgica); **Público:** 54 233;
Gols: Rivellino 11, Tostão 15 e Gallardo 28 do 1º; Tostão 7, Cubillas 25 e Jairzinho 30 do 2º
BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Marco Antônio; Clodoaldo, Gérson (Paulo César Caju 22 do 2º) e Rivellino; Jairzinho (Roberto Miranda 35 do 2º), Tostão e Pelé. **Técnico:** Zagallo
PERU: Rubiños, Campos, José Fernández, Chumpitaz e Fuentes; Challe, Mifflin e Cubillas; Baylón (Sotil 9 do 2º), León (Reyes 16 do 2º) e Gallardo. **Técnico:** Didi

SEMIFINAL

17/6/1970 – Jalisco (Guadalajara)
BRASIL 3 x 1 URUGUAI

Juiz: José Maria Ortiz de Mendibil (Espanha);
Público: 51 261; **Gols:** Luis Cubilla 19 e Clodoaldo 44 do 1º, Jairzinho 31 e Rivellino 44 do 2º; **Cartões amarelos:** Carlos Alberto, Fontes, Maneiro e Mujica
BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson e Rivellino; Jairzinho, Tostão e Pelé. **Técnico:** Zagallo
URUGUAI: Mazurkiewicz, Ubiña, Ancheta, Matosas e Mujica; Castillo, Fontes e Maneiro (Espárrago 32 do 2º); Luis Cubilla, Morales e Cortés.
Técnico: Juan Hohberg

FINAL

21/6/1970 – Azteca (Cidade do México)
BRASIL 4 x 1 ITÁLIA

Juiz: Rudi Glöckner (Alemanha Oriental); **Público:** 107 412; **Gols:** Pelé 18 e Boninsegna 37 do 1º; Gérson 21, Jairzinho 26 e Carlos Alberto 41 do 2º;
Cartões amarelos: Rivellino e Burgnich
BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson e Rivellino; Jairzinho, Tostão e Pelé. **Técnico:** Zagallo
ITÁLIA: Albertosi, Rosato, Burgnich, Cera e Facchetti; Bertini (Juliano 29 do 2º), Domenghini e De Sisti; Mazzola (Rivera 39 do 2º), Boninsegna e Luigi Riva. **Técnico:** Ferruccio Valcareggi

1970 HISTÓRIA DO TRI

BRASIL TRICAMPE

Em pé: Carlos Alberto, Félix, Brito, Piazza, Clodoaldo e Everaldo. Agachados: Jairzinho,

ÃO MUNDIAL 1970

Gérson, Tostão, Pelé e Rivellino

Para chegar ao tetra nos Estados Unidos, a seleção brasileira precisou superar a Itália nos pênaltis. A longa espera de 24 anos (e cinco Copas perdidas) valorizou ainda mais a conquista do time de Romário

O CAMPEÃO DO SÉCULO

É tetra! Enquanto Galvão Bueno se esgoelava de felicidade nas tribunas de imprensa, os jogadores corriam para o herói dos pênaltis, Taffarel

1994 PRIMEIRA FASE

A VEZ DO FUTEBOL PRAGMÁTICO

Nas três primeiras conquistas do Brasil nas Copas do Mundo (1958, 1962 e 1970), o futebol bonito e ofensivo tornou-se mais do que uma característica da seleção brasileira e passou a ser quase que um sinônimo. Em 1994, porém, o futebol arte deu lugar ao futebol pragmático, de resultado e pouco encanto. Depois de perder cinco Copas seguidas (de 1974 a 1990), a seleção brasileira, sob o comando do técnico Carlos Alberto Parreira, colocou o desejo de acabar com esse jejum acima de tudo, abdicando, inclusive, do futebol bonito. Nas Eliminatórias, após passar por apuros, Parreira precisou recorrer ao centroavante Romário, até então preterido, para conseguir sua classificação no último jogo, diante do Uruguai, no Maracanã. Com uma seleção sem tantas estrelas, Romário acabou sendo o grande protagonista nos Estados Unidos. Na estreia, contra a Rússia, o Baixinho foi quem abriu o placar aos 26 minutos no jogo realizado em São Francisco. Experiente, o atacante, então titular do Barcelona, cavou um pênalti na segunda etapa, convertido por Raí, nosso camisa 10, que fez seu único gol na Copa antes de perder a vaga no time titular. Sem tanto brilho, o Brasil estreou com vitória, como esperado, mas sem empolgar. No jogo seguinte, contra a fraca seleção de Camarões, a seleção brasileira se soltou mais, mostrando uma defesa forte e uma dupla de ataque entrosada, com Romário e Bebeto, que marcaram um gol cada um – Márcio Santos completou o placar. Na última partida, já classificada, a seleção pegou a Suécia, também classificada, podendo "escolher" seu adversário nas oitavas de final. Um empate ou uma vitória colocaria o Brasil frente a frente com os donos da casa. Uma derrota diante do time sueco deixaria a Holanda como rival. Assim, apesar da dúvida de alguns, o Brasil foi para o jogo disposto a ficar com o primeiro lugar no grupo. Mas, diante de um time bem armado e com bons destaques individuais, como Larsson, Brolin e Kennet Andersson, a seleção brasileira teve problemas para encontrar espaços e acabou até surpreendida depois de levar o primeiro gol na Copa, aos 23 minutos do 1º tempo. Na etapa final, Romário, sempre ele, com sua tradicional arrancada e o chute de bico característico, empatou o jogo logo no primeiro minuto e garantiu a invencibilidade e a liderança do grupo. Nesse jogo, o volante Mazinho, que entrou no lugar de Mauro Silva no intervalo, acabou conquistando a confiança do técnico Carlos Alberto Parreira.

Duas vezes Romário, cercado pelos camaroneses e tentando de cabeça contra a Croácia. Jorginho cerca o adversário sueco

1994 OITAVAS, QUARTAS E SEMI

SUFOCO E MUITA EMOÇÃO

Do time titular que estreou na Copa de 1994, o técnico Parreira acabou mudando apenas um jogador para a primeira decisão de mata-mata: Mazinho no lugar de Raí. O habilidoso volante do Palmeiras, em ótima fase, vinha sendo pedido pela torcida, mas para o lugar de Mauro Silva, incumbido apenas de ficar na marcação. Parreira sacou o meia Raí, que pouco rendeu na Copa, e colocou Mazinho para fortalecer o meio-campo, ao lado de Mauro Silva, Dunga e Zinho. Diante do anfitrião Estados Unidos, em São Francisco, justamente no 4 de julho, dia da independência americana, o Brasil encara um time empolgado, mas fraco tecnicamente. Assim, apesar da torcida contrária, a seleção brasileira foi para o jogo bastante concentrado e, com o passar dos minutos, começou a se soltar e a criar as melhores chances. Sem sofrer pressão atrás, o Brasil teve várias oportunidades de abrir o placar, mas acabou errando demais, tornando o jogo tenso. Principalmente no fim do primeiro tempo, quando o lateral esquerdo Leonardo inexplicavelmente acertou uma cotovelada em Tab Ramos e acabou expulso. Com um a menos, Mazinho foi para a lateral e, por sorte, o Brasil ficou melhor em campo. Assim, depois de tanto pressionar, acabou achando um gol aos 26 minutos, quando Bebeto finalizou com precisão após um passe açucarado de Romário. Mesmo criticado, o Brasil passou de fase. Nas quartas de final, porém, o adversário seria de respeito: a Holanda, de Bergkamp, Koeman e Rijkaard. Sem Leonardo, e com o veterano Branco longe da forma física ideal, o Brasil foi ao estádio Cotton Bowl, em Dallas, cheio de dúvidas. Mas foi só a bola rolar para o time mostrar seu espírito copeiro e vencedor. Em seu melhor jogo na Copa, a seleção brasileira partiu para cima dos holandeses, numa ótima primeira etapa. Conseguiu abrir o placar aos 6 minutos do segundo tempo num chute preciso de Romário, com o bico da chuteira, no alto. Aos 16, o Brasil fez 2 x 0, com Bebeto, que na comemoração homenageou o filho recém-nascido, criando uma moda entre os boleiros. O que ninguém esperava, porém, era uma reação tão rápida da Holanda, que diminuiu o placar aos 18 e empatou aos 30, deixando a partida então dramática. Mas aí quem brilhou foi o contestado Branco, que cavou uma falta aos 36 minutos para ele mesmo cobrar, acertando uma bomba fulminante para fazer 3 x 2. Faltava agora apenas um jogo até a final, e novamente a Suécia entrou no caminho do Brasil. Uma vez mais o time europeu complicou o jogo. Mas Romário, impossível, resolveu e, de cabeça, no meio dos grandalhões zagueiros suecos, fez o gol da sofrida vitória aos 35 minutos do segundo tempo. O Brasil era finalista após longos 24 anos de espera.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Num jogo amarrado, contra os donos da casa, Romário comemora. Mazinho se destaca na lateral e Bebeto consagra uma homenagem

Os braços vencedores do herói Taffarel foram a moldura perfeita para o craque Roberto Baggio: 7 horas para uma foto chegar ao Brasil

©ALEXANDRE BATTIBUGLI

Vai que é nossa, Taffarel!

Por Alexandre Battibugli, fotógrafo da PLACAR

Roberto Baggio ajeita a bola no gramado e se prepara para a cobrança. Brasil e Itália jogavam a final da Copa do Mundo de 1994, em Los Angeles, a primeira na história dos mundiais que seria decidida em cobranças diretas, depois do 0 x 0 no jogo e na prorrogação.

Posicionado atrás do gol, eu já tinha perdido a conta de quanto estava o placar das penalidades. Não tinha a mínima ideia de que aquele chute poderia ser o último daquela Copa, como realmente aconteceu alguns segundos depois. Minha posição era restrita apenas para fotos dos cobradores. Os goleiros ficavam escondidos pela trave. De costas, mal apareciam. Baggio chuta e fica imóvel. Ali, o então melhor jogador do mundo eleito pela Fifa e Ballon d'Or da revista France Football parece se transformar num artista de rua, daqueles que brincam de estátua.

Uma foto, outra, nenhum movimento ou expressão. Não desvio o olhar e continuo enxergando tudo pelo conjunto câmera/lente. Não ouço nada, silêncio total. Sigo perdido, mas instintivamente economizo o filme. Tinha trocado o filme e, com 36 poses no início das cobranças, já não sabia quantas fotos ainda restavam pra acabar aquele rolo.

Muitas contas perdidas num jogo apenas!

Então, algo desfocado entra no meu visor e cobre quase que totalmente o atacante italiano. Ao mesmo tempo que praguejo, giro manualmente o anel de foco da objetiva 300 mm, aproximando aquilo que xinguei e que me atrapalhava tanto naquele momento único. Mas logo me transformo, extasiado e sem acreditar que tinha um enquadramento praticamente perfeito, onde apareciam Taffarel, agradecendo aos céus, e Baggio entre seus braços levantados. O disparo foi certeiro. A cena, rápida, dura segundos. Uma pequena variação na posição em que eu estava, uma mexidinha pra esquerda ou pra direita, e essa foto seria mais uma descartável como tantas outras. Mas já antes do filme revelado sabia que tinha algo diferente naquele fotograma. Muita sorte para um fotógrafo de 28 anos em seu primeiro mundial. O resto da história todos sabem. Brasil campeão depois de 24 anos, Copa de Romário e Bebeto, Galvão Bueno aos berros... É teeeetra! Cambalhota no Palácio. Epa, essa Copa é outra. Tô ficando velho!

Apesar do horário da partida, ao meio-dia, e do calor insuportável em pleno verão da Califórnia, o mais fácil nesse dia foi fotografar o jogo. Depois de duas horas desse clique e com o filme revelado na mão, começa a verdadeira saga daquele mundial: a transmissão das fotos. Usava uma Leafax35, que dava um trabalhão carregar em sua enorme mala de alumínio, com mais de 30 quilos. Esse equipamento escaneava o filme negativo e, no improviso, era ligado por fios desencapados a uma linha telefônica. Assim eu transmitia as fotos para a redação. Mas antes era preciso que alguém no Brasil recebesse sua ligação telefônica, depois seu sinal de envio e, aí sim, a conexão estava pronta para a transmissão. A Leafax demorava até 30 minutos para enviar cada foto colorida.

Para completar, uma greve da Embratel praticamente travou as ligações para o Brasil, que ficaram mais difíceis ainda.

Resumindo essa história toda, a foto do Taffarel chegou inteirinha e completa à redação depois de sete horas do ocorrido em campo. Várias e várias vezes de repetidas transmissões e ligações que caíam no meio do envio. Uma situação impensável nestes tempos digitais e de conexão rápida. Sem a internet foi punk, como se dizia nos anos 90.

Aquela foi a única foto que enviei naquele 17 de julho de 1994. E pensei: vocês vão ter que me engolir!

Opa! Copa errada de novo?

1994 FINAL

É TEEETRAAAAA!!!

Brasil e Itália voltaram a decidir uma Copa do Mundo. Se em 1970, no México, chegaram à final como bicampeões e buscando o inédito tri, dessa vez, nos Estados Unidos, foram para a grande final como tricampeões, querendo o primeiro tetra das Copas e o título de campeão do século. O time brasileiro, que se mostrou mais consistente e equilibrado durante o mundial dos EUA, chegou para a final do Rose Bowl, em Los Angeles, com certo favoritismo. A Itália, seguindo sua tradição, começou mal a Copa, mas depois foi deixando os adversários para trás, mostrando o peso de sua camisa. Com o excelente zagueiro Baresi, o lateral esquerdo Maldini e o craque Roberto Baggio no ataque, a Azzurra tinha a esperança de calar o Brasil, como em 1982, quando não era favorita e acabou derrubando a equipe de Zico, Sócrates e Falcão. Já o Brasil, mais calejado e cauteloso, não queria se atirar ao ataque e novamente ver a chance do título ir embora após contra-ataques adversários. Assim, o primeiro tempo, apesar de certa superioridade brasileira, acabou sendo equilibrado e de muito respeito dos dois lados. O Brasil, nos primeiros minutos, teve chances com Romário (num cabeceio fraco) e Bebeto. A Itália, com Massaro, respondeu com perigo. Aos 20 minutos, o lateral direito Jorginho sentiu uma lesão e foi substituído por Cafu. Na segunda etapa, o jogo segue na mesma toada e o volante Mauro Silva acaba sendo o destaque brasileiro, principalmente após acertar a trave de Pagliuca, aos 30 minutos. Do outro lado, Baresi era o grande nome da Azzurra, anulando Romário pela primeira vez na Copa. Fim do tempo normal, 0x0, e a decisão do título vai para prorrogação. Nela, as seleções resolvem se abrir mais e surgem contra-ataques para todos os lados. Bebeto, no início, perde boa chance. Depois, Baggio obriga Taffarel a fazer grande defesa. No segundo tempo da prorrogação, Viola entra no lugar de Zinho e incendeia de vez a final. O centroavante quase marca um golaço após enfileirar a zaga italiana. Na sequência, Romário perde o gol mais feito da partida. Sob o forte calor do meio-dia, quase 40 graus de temperatura, a final termina mesmo 0x0 e vai pela primeira vez na história ser definida nos pênaltis. Baresi perde a primeira cobrança. Márcio Santos também. Albertini faz 1x0 e Romário empata (dando susto, com a bola batendo na trave antes de entrar). Depois, Evani faz 2x1 para a Itália e Branco empata a série. Na sequência, Taffarel defende a cobrança de Massaro e Dunga põe o Brasil na frente. Na última cobrança, Roberto Baggio isola a bola para o alto. Os brasileiros correm para comemorar, abraçam Taffarel, e o Brasil todo festeja o título com a trilha sonora de Galvão Bueno, que pula ao lado de Pelé na transmissão, aos berros: "É tetraaa! É tetraaa!".

Na hora da taça, Dunga se preocupou mais com os ataques à imprensa do que com a comemoração propriamente dita: muita mágoa

Vai que é tua, Taffarel, garantindo nosso Tetra. Romário carregou o Brasil nas costas no ataque. Dunga consagrou o estilo sargentão

1994 HERÓIS E TABELÃO

Nº	Jogador	Pos.	Idade	Clube	J	G
1	Taffarel	G	28 anos (8/5/1966)	Reggiana-ITA	7	-3
2	Jorginho	LD	29 anos (17/8/1964)	Bayern Munique-ALE	7	0
3	Ricardo Rocha	Z	31 anos (11/9/1962)	Vasco	1	0
4	Ronaldão	Z	29 anos (19/6/1965)	Shimizu S-Pulse-JAP	0	0
5	Mauro Silva	V	26 anos (12/1/1968)	La Coruña-ESP	7	0
6	Branco	LE	30 anos (4/4/1964)	Fluminense	3	1
7	Bebeto	A	30 anos (16/2/1964)	La Coruña-ESP	7	3
8	Dunga	V	30 anos (31/10/1963)	Stuttgart-ALE	7	0
9	Zinho	M	27 anos (17/6/1967)	Palmeiras	7	0
10	Raí	M	29 anos (15/5/1965)	PSG-FRA	5	1
11	Romário	A	28 anos (29/1/1966)	Barcelona-ESP	7	5
12	Zetti	G	29 anos (10/1/1965)	São Paulo	0	0
13	Aldair	Z	28 anos (30/11/1965)	Roma-ITA	7	0
14	Cafu	LD	24 anos (19/6/1970)	São Paulo	3	0
15	Márcio Santos	Z	24 anos (15/9/1969)	Bordeaux-FRA	7	1
16	Leonardo	LE	24 anos (5/9/1969)	São Paulo	4	0
17	Mazinho	M	28 anos (8/4/1966)	Palmeiras	6	0
18	Paulo Sérgio	A	25 anos (2/6/1969)	Bayer Leverkusen-ALE	2	0
19	Müller	A	28 anos (31/1/1966)	São Paulo	1	0
20	Ronaldo	A	17 anos (22/9/1976)	Cruzeiro	0	0
21	Viola	A	25 anos (1/1/1969)	Corinthians	1	0
22	Gilmar	G	35 anos (13/1/1959)	Flamengo	0	0

TÉCNICO
CARLOS ALBERTO PARREIRA
51 ANOS (27/2/1943)

ARTILHEIRO
ROMÁRIO
5 GOLS

O baixinho Romário, cercado pelos russos: sem medo da marcação

O eficiente meia Zinho cerca Sergei Gorlukovich na vitória de 2 x 0 sobre a Rússia, em jogo realizado na cidade de San Francisco, na Califórnia

PRIMEIRA FASE

20/6/1994 – Stanford Stadium (São Francisco)
BRASIL 2 x 0 RÚSSIA

Juiz: An-Yan Lim Kee Chong (Maurício); **Público:** 81 061; **Gols:** Romário 26 do 1º, Raí 7 do 2º; **Cartões amarelos:** Nikiforov, Khlestov e Kuznetsov
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Ricardo Rocha (Aldair 30 do 2º), Márcio Santos e Leonardo; Mauro Silva, Dunga (Mazinho 40 do 2º), Raí e Zinho; Bebeto e Romário.
Técnico: Carlos Alberto Parreira
RÚSSIA: Kharin, Kuznetsov, Nikiforov e Ternavskiy; Khlestov, Pyatnitskiy, Karpin, Tsymbalar e Gorlukovich; Yuran (Salenko 10 do 2º) e Radchenko (Borodyuk 32 do 2º).
Técnico: Pavel Sadyrin

24/6/1994 – Stanford Stadium (San Francisco)
BRASIL 3 x 0 CAMARÕES

Juiz: Arturo Brizio Carter (México); **Público:** 83401; **Gols:** Romário 39 do 1º; Márcio Santos 21 e Bebeto 28 do 2º;
Cartões amarelos: Mauro Silva, Tataw e Kalla;
Expulsão: Song 18 do 2º
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos e Leonardo; Mauro Silva, Dunga, Raí (Müller 36 do 2º) e Zinho (Paulo Sérgio 30 do 2º); Bebeto e Romário. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
CAMARÕES: Bell, Tataw, Song, N'Kongo e Agbo; Foé, Libiih, M'Bou e M'Fede (Maboang 27 do 2º); Oman-Biyik e Embe (Roger Milla 19 do 2º).
Técnico: Henri Michel

28/6/1994 – Pontiac Silverdome (Detroit)
BRASIL 1 x 1 SUÉCIA

Juiz: Sandor Puhl (Hungria); **Público:** 77 217; **Gols:** Kennet Andersson 23 do 1º; Romário 1 do 2º; **Cartões amarelos:** Aldair e Mild
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos e Leonardo; Mauro Silva (Mazinho, intervalo), Dunga, Raí (Paulo Sérgio 38 do 2º) e Zinho; Bebeto e Romário.
Técnico: Carlos Alberto Parreira
SUÉCIA: Ravelli, Nilsson, Patrik Andersson, Kamark e Ljung; Schwarz (Mild 30 do 2º), Thern, Ingesson e Tomas Brolin; Henrik Larsson (Blomqvist 19 do 2º) e Kennet Andersson.
Técnico: Tommy Svensson

OITAVAS DE FINAL

4/7/1994 – Stanford Stadium (S. Francisco)
BRASIL 1 x 0 ESTADOS UNIDOS

Juiz: Joel Quiniou (França); **Público:** 84 147; **Gol:** Bebeto 27 do 2º; **Cartões amarelos:** Mazinho, Jorginho, Tab Ramos, Caligiuri, Clavijo e Dooley; **Expulsões:** Leonardo 43 do 1º; Clavijo 40 do 2º
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos e Leonardo; Mauro Silva, Dunga, Mazinho e Zinho (Cafu 23 do 2º); Bebeto e Romário.
Técnico: Carlos Alberto Parreira
ESTADOS UNIDOS: Tony Meola, Clavijo, Balboa, Alexi Lalas e Caligiuri; Dooley, Sorber, Cobi Jones e Tab Ramos (Wynalda, intervalo); Hugo Pérez (Wegerle 21 do 2º) e Stewart.
Técnico: Bora Milutinovic

QUARTAS DE FINAL

9/7/1994 – Cotton Bowl (Dallas)
BRASIL 3 x 2 HOLANDA

Juiz: Rodrigo Badilla (Costa Rica); **Público:** 63 500; **Gols:** Romário 8, Bebeto 18, Bergkamp 19, Winter 31 e Branco 36 do 2º;
Cartões amarelos: Dunga, Winter e Wouters
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos e Branco (Cafu 45 do 2º); Mauro Silva, Dunga, Mazinho (Raí 35 do 2º) e Zinho; Bebeto e Romário. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
HOLANDA: Ed de Goej, Valckx, Ronald Koeman e Wouters; Winter, Rijkaard (Ronald de Boer 19 do 2º), Jonk, Bergkamp e Witschge; Overmars e Van Vossen (Roy 9 do 2º).
Técnico: Dick Advocaat

SEMIFINAL

13/7/1994 – Rose Bowl (Los Angeles)
BRASIL 1 x 0 SUÉCIA

Juiz: Jose Joaquin Torres Cadena (Colômbia); **Público:** 91 856; **Gol:** Romário 35 do 2º;
Cartões amarelos: Zinho, Ljung e Tomas Brolin
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos e Branco; Mauro Silva, Dunga, Mazinho (Raí, intervalo) e Zinho; Bebeto e Romário.
Técnico: Carlos Alberto Parreira
SUÉCIA: Ravelli, Nilsson, Patrik Andersson, Bjorklunde e Ljung; Thern, Ingesson, Mild e Tomas Brolin; Dahlin (Rehn 22 do 2º) e Kennet Andersson. **Técnico:** Tommy Svensson

FINAL

17/7/1994 – Rose Bowl (Los Angeles)
BRASIL 0 (3) x 0 (2) ITÁLIA

Juiz: Sandor Puhl (Hungria); **Público:** 94 194; **Nos pênaltis:** Brasil 3 (Romário, Branco e Dunga; Márcio Santos perdeu) x 2 Itália (Albertini e Evani; Baresi, Massaro e Roberto Baggio perderam); **Cartões amarelos:** Mazinho, Cafu, Apolloni e Albertini
BRASIL: Taffarel, Jorginho (Cafu 21 do 1º), Aldair, Márcio Santos e Branco; Mauro Silva, Dunga, Mazinho e Zinho (Viola, intervalo da prorrogação); Bebeto e Romário.
Técnico: Carlos Alberto Parreira
ITÁLIA: Pagliuca, Mussi (Apolloni 34 do 1º), Baresi, Maldini e Benarrivo; Albertini, Dino Baggio (Evani 5 do 1º da prorrogação), Berti e Donadoni; Roberto Baggio e Massaro.
Técnico: Arrigo Sacchi

1994 HISTÓRIA DO TETRA

BRASIL TETRACAMP

Em pé: Taffarel, Jorginho, Aldair, Mauro Silva, Márcio Santos e Branco. Agachados: Mazinho,

PEÃO MUNDIAL 1994

Romário, Dunga, Bebeto e Zinho

HEGEMONIA AMPLIADA

Primeira e única pentacampeã mundial, a seleção brasileira conquistou a Copa com 100% de aproveitamento, fez o artilheiro (Ronaldo, com 8 gols) e de quebra bateu a poderosa Alemanha na final no Japão

Fotos Ricardo Corrêa

A festa do penta. Ronaldo cercado pelos jogadores: todos tentam tocar a Taça Fifa. A "Família Scolari" entrava para a história

2002 PRIMEIRA FASE

AJUDINHA COM GRUPO FÁCIL

Campeã do Copa do Mundo de 1994, a seleção brasileira sofreu um duro golpe depois de levar de 3 x 0 da França na final do mundial de 1998. Apesar de contar com uma geração espetacular, com Romário, Ronaldo, Rivaldo e Ronaldinho Gaúcho, o pós-Copa de 1998 não foi tranquilo. Com Vanderlei Luxemburgo, a seleção brasileira chegou a ganhar a Copa América de 1999 com destaque, mas depois se enfiou num buraco. Primeiro, com a derrota na Olimpíada de 2000, que derrubou Luxa do cargo. Depois, com os maus resultados nas Eliminatórias, o que também fez com que seu sucessor, Emerson Leão, não permanecesse no cargo. Felipão, o escolhido para tirar o Brasil da draga, começou mal, sendo eliminado pela fraca Honduras na Copa América de 2001. No mesmo ano, a duras penas, Scolari garantiu o Brasil no Mundial de 2002. E no ano da Copa do Mundo realizada no Japão e na Coreia do Sul, Felipão precisou reconstruir o time e à sua maneira montou a famosa "Família Scolari", com jogadores de sua confiança. Assim, estrelas como Romário, Alex e Djalminha acabaram ficando de fora, assim como Emerson, que se machucou às vésperas do Mundial. Na Ásia, o Brasil deu ainda a sorte de cair num grupo teoricamente fácil, ao lado da estreante China, da fraca Costa Rica e da pouco tradicional Turquia. Mas os turcos deram trabalho na estreia, mostrando ao longo da Copa o motivo para esse desempenho. Com um time bem montado, a Turquia saiu na frente no último lance do primeiro tempo. Na etapa final, logo aos 5 minutos, o Brasil igualou o placar. Rivaldo lançou Ronaldo, que, de carrinho, empatou o jogo. No fim da partida, Luizão, herói da classificação nas Eliminatórias, que havia entrado no lugar de Ronaldo, cavou um pênalti que Rivaldo converteu aos 42 minutos. Boa estreia e alívio, afinal, os dois próximos jogos seriam diante de China e Costa Rica. Contra os chineses, num ritmo de treino, a seleção, completa, fez 3 x 0 no primeiro tempo, com Roberto Carlos (de falta), Rivaldo e Ronaldinho Gaúcho – e depois tirou o pé. Na etapa final, Ronaldo ainda completou a fácil goleada. Já contra os costarriquenhos, na última rodada, Felipão aproveitou para botar os reservas em campo e ainda assim o resultado foi outra goleada, por 5 x 2, com dois gols de Ronaldo, um de Rivaldo, um de Edmílson e outro do lateral esquerdo Júnior. Brasil 100%, líder com facilidade, pronto para os mata-matas e com Ronaldo recuperado de lesão.

A paulada de Roberto Carlos e os chineses em pânico na barreira. Júnior marca o 5º gol contra a Costa Rica e Rivaldo desequilibra contra a Turquia

2002 OITAVAS, QUARTAS E SEMI

OS "ERRES" RESOLVERAM

Jogando no esquema 3-5-2, a seleção brasileira de Felipão se mostrou segura defensivamente, com três zagueiros: Lúcio, Edmilson e Roque Júnior. Os laterais, Cafu e Roberto Carlos, os melhores do mundo na posição, ajudavam a dar segurança e confiança ao setor, assim como o volante Gilberto Silva, em forma física e técnica excelente. Bem armado na defesa, o time dava liberdade para o talentoso trio de ataque decidir lá na frente: Rivaldo, Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo. O meia Juninho Paulista, titular no início da Copa, era outro que fazia parte desse setor ofensivo, mas, sem conseguir exibir seu melhor futebol, acabou perdendo o lugar para o segundo volante Kléberson, a grata surpresa da seleção durante o mundial. Nas oitavas de final, o Brasil teve pela frente a seleção da Bélgica, no primeiro grande desafio para o time de Felipão. E, como já era esperado, a partida foi complicada para os brasileiros – há quem diga que esse tenha sido o jogo mais difícil daquele mundial. O goleiro Marcos, que havia sido pouco testado na primeira fase, parou o ataque belga, mostrando por que havia deixado Dida e Ceni no banco. E, graças ao talento de Rivaldo, que marcou um golaço de fora da área aos 22 minutos do segundo tempo, o Brasil saiu do desafogo. No fim do jogo, aos 42, Ronaldo ainda fez mais um e selou a classificação brasileira. Já nas quartas, diante da Inglaterra de Beckham e Owen, o Brasil, já com Kléberson no lugar de Juninho, começou bem a partida, dando pinta de que venceria sem o mesmo sofrimento das oitavas. Mas após um erro grotesco de Lúcio, aos 23 minutos do primeiro tempo, Owen abriu o placar. Melhor em campo, o Brasil pressionou os ingleses até achar o empate no finzinho da primeira etapa, quando Ronaldinho Gaúcho deu uma linda arrancada e deixou Rivaldo livre para marcar. No segundo tempo, o mesmo Ronaldinho, logo aos 5 minutos, acertou uma linda cobrança de falta para virar o jogo, enganando o goleiro Seaman, numa jogada que até hoje não sabemos se foi proposital ou não. Mas o mesmo atacante, que havia brilhado nos lances dos gols do Brasil, acabou expulso infantilmente aos 12 minutos, deixando o jogo, que novamente parecia fácil, mais complicado. No fim das contas, porém, mesmo com um a menos, a seleção brasileira suportou bem e garantiu a vaga para a semifinal. Nela, diante da Turquia, novamente, a equipe de Felipão voltou a sofrer para achar o caminho do gol, que só foi aparecer no início do segundo tempo, quando Ronaldo, ao melhor estilo de Romário, tocou de biquinho para vencer o goleiro Reçber. Brasil 1 x 0 e finalista da Copa pela terceira vez consecutiva.

O goleiros Marcos salvou a pátria contra a Bélgica. Luizão, de voleio, contra a Turquia (de novo), e Ronaldinho, que fez de tudo contra a Inglaterra

A Copa em que eu torci pelo Brasil

Por Ricardo Corrêa, fotógrafo da Placar

Rivaldo e um de seus lances mais bonitos na Copa de 2002. Sem muita habilidade com as palavras e com seu jeito tímido, não tinha um perfil midiático

Não estranhe, leitor, a afirmação contida no título deste meu texto. Mas não costumo torcer. Não do jeito que você imagina, ou do jeito com que está acostumado. Criado desde cedo em uma redação (entrei na Placar aos 14 anos, como mensageiro), aprendi com os mestres que dosar a emoção torna a mão firme. Há fotos importantes e antológicas na vitória ou na derrota. É como a frieza do cirurgião, que quer o paciente vivo durante e após o procedimento, por isso temos que viver tudo aquilo com realidade e com compaixão. Acima do amor desenfreado, que leva ao tremor, à respiração excessivamente ofegante, aquela que embaça, temos que viver por você, leitor, aquele momento, sem perder nada, para que se possa sentir alegria e tristeza com as nossas fotos no que virá pela história.

Em 2002 me permiti torcer mais. Felipão montou sua família. O Brasil, numa de suas comuns dragas econômicas, não permitiu que a equipe de Placar ultrapassasse uma dupla. Eu, Ricardo Corrêa, em minha segunda Copa, e Arnaldo Ribeiro, um dos mais brilhantes jornalistas esportivos que existem nesse país. Fomos lá, em guerra de guerrilha, acompanhar uma seleção que saía desacreditada, pra variar, e que ia dar a volta por cima. Estava tudo muito amarrado e combinado com o destino. Só que dessa vez combinaram com a gente. Sim, porque nos envolvemos sem perceber. Na família Felipão não havia traíras, ao menos os traíras não se apresentavam para as fofocas. Não que elas não tenham ocorrido, mas parte da imprensa optou pelo crédito. A concentração era aberta.

A gente pegava o elevador com o Ronaldo Fenômeno, encontrava jogadores queridos como Kaká, Ricardinho, Marcão, entre outros de nosso relacionamento próximo, e só o que tirávamos era confiança. Talvez a distância de casa, o logo tempo de preparação de todos, tenham levado a Família Scolari para as bordas da imprensa. Uma Copa em dois países não foi divertido para os jornalistas. Era muito chato. Vínhamos da Copa mais integrada de todos os tempos, a da França, e aquela divisão era limitante. Por isso, nos enfiamos mais na rotina da própria seleção. Vivemos mais de perto o sentimento de unidade. De verdade, a gente precisava demais de um título, de uma perspectiva vencedora.

Olhar a escalação daquele time nos revela quantos craques havia: Ronaldo, Ronaldinho, Roberto Carlos, Cafu, Marcos. Mas minha sintonia foi definitiva com o craque que não foi percebido então pelo mundo como fundamental. Porque ele era como eu na minha frieza realizadora. Rivaldo! Tudo bem que eu já era grato pelos seus tempos no meu Palmeiras, mas Rivaldo me dizia, pelas fotos que me entregava, que valia a pena torcer além da minha conta pelo Brasil.

Foi de Rivaldo uma das fotos da minha vida. Brasil e Bélgica, num jogo maldito, que podíamos perder, em que Marcão salvou a pátria. Roberto Carlos traz a bola pela lateral esquerda no ataque, olha Rivaldo e chuta forte e rasteiro na direção do nosso camisa 10. Rivaldo não para a bola: dá uma sutil levantada na redonda com o lado de fora do pé esquerdo e emenda um lindo voleio. Eu fiz a foto! Rivaldo totalmente horizontal no ar, o pé acertando a bola. Por um instante eu percebi toda a inteligência do craque. Quando a bola veio forte e rasteira, ele, de modo contínuo, com sua capacidade, não precisou de uma reflexão maior que a décima fração de um segundo, duas frações acima da minha percepção de que ele faria aquilo, e, pimba! Nos dois fizemos, ainda que minimamente separados por um ínfimo tempo, a mesma coisa.

Ele fez sua arte; eu, a minha foto. Corações unidos pela vitória, a dele naquela Copa, a minha naquela foto.

2002 A FINAL

A REDENÇÃO DE RONALDO

Campeão da Copa de 1994 como reserva (e sem entrar em campo), Ronaldo ganhou o prêmio de melhor jogador do mundo pela Fifa em 1996 e 1997, quando recebeu o apelido de Fenômeno. Destaque do Brasil na Copa de 1998, o atacante, porém, sofreu uma polêmica convulsão às vésperas da final e, sem condições, não brilhou naquela decisão, vencida pela França por 3 x 0. No ano seguinte, em 1999, Ronaldo sofreu uma grave lesão no joelho, ficando quase um ano parado. Na volta, em 2000, em seu primeiro jogo, voltou a lesionar o joelho direito da mesma forma, ficando meses de molho novamente. Em 2002, ainda longe da forma física e técnica ideal, Ronaldo foi convocado por Felipão, mas já era tido por muitos como um ex-jogador. Na Copa da Coreia do Sul e do Japão, porém, o atacante, apesar de não ter as mesmas arrancadas dos tempos de Inter de Milão e Barcelona, deu a volta por cima e, com o faro artilheiro, ajudou diretamente o Brasil e ganhar o penta. Autor de gols contra Turquia, China e Costa Rica na primeira fase, Ronaldo marcou também contra a Bélgica, nas quartas, e fez o gol da vitória contra a Turquia, na semifinal. Na decisão contra a Alemanha, Ronaldo entrou em campo com um bizarro corte de cabelo, apelidado por ele mesmo como "corte Cascão", nitidamente tentando desviar o foco sobre o seu lado psicológico para outra importante final. E deu certo. Jogando solto e tranquilo, como toda a seleção naquela final, Ronaldo foi o grande protagonista da decisão. O camisa 9 abriu o placar aos 22 minutos do segundo tempo após pegar uma sobra do goleiro Oliver Kahn, que bateu roupa depois do forte chute de Rivaldo. O mesmo Ronaldo, aos 34 minutos, recebeu a bola após o corta-luz de Rivaldo num passe de Kléberson (que jogou muito naquela final), e bateu firme no canto de Kahn para decretar a vitória. Brasil 2 x 0 na Alemanha e pentacampeão com 100% de aproveitamento. O Brasil estava novamente no topo do futebol mundial, passando por cima da forte Alemanha. E Ronaldo, artilheiro da Copa com 8 gols, era novamente o centro das atenções.

Gilberto Silva foi firme e Roberto Carlos deu chutão quando precisou espantar os alemães

Ronaldo desequilibrou contra a Alemanha quando deixou dois gols na festa final. Cafu, surpreendente, exibe a famosa camisa "100% Jardim Irene"

2002 HERÓIS E TABELÃO

Nº	Jogador	Pos.	Idade	Clube	J	G
1	Marcos	G	28 anos (3/7/1974)	Palmeiras	7	-4
2	Cafu	LD	32 anos (19/6/1970)	Roma-ITA	7	0
3	Lúcio	Z	24 anos (8/5/1978)	B. Leverkusen-ALE	7	0
4	Roque Júnior	Z	25 anos (31/8/1976)	Milan-ITA	6	0
5	Edmílson	Z	25 anos (10/7/1976)	Lyon-FRA	6	1
6	Roberto Carlos	LE	29 anos (10/4/1973)	Real Madrid-ESP	6	1
7	Ricardinho	M	26 anos (23/5/1976)	Corinthians	3	0
8	Gilberto Silva	V	25 anos (7/10/1976)	Atlético-MG	7	0
9	Ronaldo	A	25 anos (22/9/1976)	Internazionale-ITA	7	8
10	Rivaldo	M	30 anos (19/4/1972)	Barcelona-ESP	7	5
11	Ronaldinho Gaúcho	M	22 anos (21/3/1980)	PSG-FRA	5	2
12	Dida	G	28 anos (7/10/1973)	Corinthians	0	0
13	Belletti	LD	26 anos (10/7/1976)	São Paulo	1	0
14	Anderson Polga	Z	23 anos (9/2/1976)	Grêmio	2	0
15	Kléberson	V	23 anos (19/6/1979)	Atlético-PR	5	0
16	Júnior	LE	29 anos (20/6/1973)	Parma-ITA	1	1
17	Denílson	A	24 anos (24/8/1977)	Betis-ESP	5	0
18	Vampeta	V	28 anos (13/3/1974)	Corinthians	1	0
19	Juninho Paulista	M	29 anos (22/3/1973)	Flamengo	5	0
20	Edílson	A	31 anos (17/8/1970)	Kashiwa Reysol-JAP	4	0
21	Luizão	A	26 anos (14/11/1975)	Grêmio	2	0
22	Rogério Ceni	G	29 anos (22/1/1973)	São Paulo	0	0

TÉCNICO
LUIZ FELIPE SCOLARI
53 ANOS (9/11/1948)

Ronaldo Fenômeno comemora, contra a Alemanha, seu sétimo gol na Copa

ARTILHEIRO
RONALDO
8 GOLS

Rivaldo contra a Turquia na semifinal. O craque foi fundamental nos dois confrontos com os turcos, que endureceram na primeira fase e na semi

PRIMEIRA FASE

3/6/2002 – Ulsan Munsu Football Stadium (Ulsan-COR)
BRASIL 2 x 1 TURQUIA

Juiz: Kim Young-Joo (Coreia do Sul); **Público:** 33 842; **Gols:** Sas 47 do 1º; Ronaldo 5 e Rivaldo 42 do 2º; **Cartões amarelos:** Denílson, Akyel, Unsal e Ozalan; **Expulsões:** Ozalan 41 e Unsal 49 do 2º
BRASIL: Marcos, Lúcio, Roque Júnior e Edmílson; Cafu, Gilberto Silva, Juninho Paulista (Vampeta 27 do 2º), Ronaldinho Gaúcho (Denílson 22 do 2º) e Roberto Carlos; Ronaldo (Luizão 28 do 2º) e Rivaldo.
Técnico: Luiz Felipe Scolari
TURQUIA: Reçber, Korkmaz (Mansiz 21 do 2º), Akyel, Ozat e Ozalan; Kerimoglu (Erdem 43 do 2º), Belozoglu, Unsal e Basturk (Davala 21 do 2º); Sas e Sukur. **Técnico:** Senol Gunes

8/6/2002 – Jeju World Cup Stadium (Seogwipo-COR)
BRASIL 4 x 0 CHINA

Juiz: Anders Frisk (Suécia); **Público:** 36 750; **Gols:** Roberto Carlos 15, Rivaldo 32 e Ronaldinho Gaúcho 45 do 1º; Ronaldo 10 do 2º; **Cartões amarelos:** Ronaldinho Gaúcho e Denílson
BRASIL: Marcos, Lúcio, Anderson Polga e Roque Júnior; Cafu, Gilberto Silva, Juninho Paulista (Ricardinho 25 do 2º), Ronaldinho Gaúcho (Denílson, intervalo) e Roberto Carlos; Ronaldo (Edílson 27 do 2º) e Rivaldo.
Técnico: Luiz Felipe Scolari
CHINA: Jiang Jin, Xu Yunlong, Du Wei e Li Weifeng; Wu Chengying, Li Tie, Li Xiaopeng, Zhao Junzhe e Qi Hong (Shao Jiayi 21 do 2º); Ma Mingyu (Yang Pu 17 do 2º) e Hao Haidong (Qu Bo 30 do 2º). **Técnico:** Bora Milutinovic

13/6/2002 – Suwon World Cup Stadium (Suwon-COR)
BRASIL 5 x 2 COSTA RICA

Juiz: Gamal El Ghandour (Egito); **Público:** 38 524; **Gols:** Ronaldo 10 e 13, Edmílson 38 e Wanchope 39 do 1º; Ronald Gomez 11, Rivaldo 17 e Júnior 19 do 2º; **Cartão amarelo:** Cafu
BRASIL: Marcos, Lúcio, Anderson Polga e Edmílson; Cafu, Gilberto Silva, Juninho Paulista (Ricardinho 16 do 2º), Rivaldo (Kaká 27 do 2º) e Júnior; Edílson (Kléberson 12 do 2º) e Ronaldo.
Técnico: Luiz Felipe Scolari
COSTA RICA: Lonnis, Wright, Marin, Martinez (Parks 29 do 2º) e Wallace (Bryce, intervalo); Solis (Fonseca 20 do 2º), López, Castro e Centeno; Ronaldo Gómez e Wanchope.
Técnico: Alexandre Guimarães

OITAVAS DE FINAL

17/6/2002 – Wing Kobe Stadium (Kobe-JAP)
BRASIL 2 x 0 BÉLGICA

Juiz: Peter Prendergast (Jamaica); **Público:** 40 440; **Gols:** Rivaldo 22 e Ronaldo 42 do 2º; **Cartões amarelos:** Roberto Carlos e Vanderhaeghe
BRASIL: Marcos, Lúcio, Roque Júnior e Edmílson; Cafu, Gilberto Silva, Juninho Paulista (Denílson 12 do 2º), Ronaldinho Gaúcho (Kléberson 36 do 2º) e Roberto Carlos; Ronaldo e Rivaldo (Ricardinho 45 do 2º).
Técnico: Luiz Felipe Scolari
BÉLGICA: De Vlieger, Peeters (Sonck 27 do 2º), Vanderhaeghe, Van Buyten e Van Kerckhoven; Walem, Simmons, Goor e Verheyen; Wilmots e Mpenza. **Técnico:** Robert Waseige

QUARTAS DE FINAL

21/6/2002 – Shizuoka Stadium Ecopa (Shizuoka-JAP)
BRASIL 2 x 1 INGLATERRA

Juiz: Peter Prendergast (Jamaica); **Público:** 47 436; **Gols:** Owen 23 e Rivaldo 47 do 1º; Ronaldinho Gaúcho 5 do 2º; **Cartões amarelos:** Scholes e Ferdinand; **Expulsão:** Ronaldinho Gaúcho 12 do 2º
BRASIL: Marcos, Lúcio, Roque Júnior e Edmílson; Cafu, Gilberto Silva, Kléberson, Ronaldinho Gaúcho e Roberto Carlos; Ronaldo (Edílson 25 do 2º) e Rivaldo. **Técnico:** Luiz Felipe Scolari
INGLATERRA: David Seaman, Mills, Ferdinand, Campbell e Ashley Cole (Sheringham 35 do 2º); Butt, Scholes, Beckham e Sinclair (Dyer 11 do 2º); Owen (Vassell 34 do 2º) e Heskey.
Técnico: Sven Goran Eriksson

SEMIFINAL

26/6/2002 – Saitama Stadium (Saitama-JAP)
BRASIL 1 x 0 TURQUIA

Juiz: Kim Milton Nielsen (Dinamarca); **Público:** 61 058; **Gol:** Ronaldo 4 do 2º; **Cartões amarelos:** Gilberto Silva, Kerimoglu e Sas
BRASIL: Marcos, Lúcio, Roque Júnior e Edmílson; Cafu, Gilberto Silva, Kléberson (Belletti 40 do 2º), Rivaldo e Roberto Carlos; Edílson (Denílson 30 do 2º) e Ronaldo (Luizão 23 do 2º).
Técnico: Luiz Felipe Scolari
TURQUIA: Reçber, Korkmaz, Akyel e Ozalan; Penbe, Kerimoglu, Davala (Izzet 29 do 2º), Belozoglu (Mansiz 17 do 2º) e Basturk (Erdem 43 do 2º); Sas e Sukur.
Técnico: Senol Gunes

FINAL

30/6/2002 – International Yokohama Stadium (Yokohama-JAP)
BRASIL 2 x 0 ALEMANHA

Juiz: Pierluigi Collina (Itália); **Público:** 69 029; **Gols:** Ronaldo 22 e 34 do 2º; **Cartões amarelos:** Roque Júnior e Klose
BRASIL: Marcos, Lúcio, Roque Júnior e Edmílson; Cafu, Gilberto Silva, Kléberson, Ronaldinho Gaúcho (Juninho Paulista 40 do 2º) e Roberto Carlos; Ronaldo (Denílson 45 do 2º) e Rivaldo. **Técnico:** Luiz Felipe Scolari
ALEMANHA: Kahn, Linke, Ramelow e Metzelder; Schneider, Jeremies (Asamoah 32 do 2º), Hamann, Frings e Bode (Ziege 39 do 2º); Oliver Neuville e Klose (Bierhoff 29 do 2º).
Técnico: Rudi Völler

2002 HISTÓRIA DO 5º TÍTULO

BRASIL PENTACAMP

Em pé: Lúcio, Edmilson, Roque Júnior, Gilberto Silva, Marcos, Kaká, Vampeta, Anderson Polga, Dida, Rogério Ceni e Belletti. Agach

PEÃO MUNDIAL 2002

dos: Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo, Roberto Carlos, Kléberson, Rivaldo, Cafu, Júnior, Ricardinho, Luizão, Edílson, Denílson e Juninho

AS CAPAS DA PLACAR EM 1970, 1994 E 2002

PLACAR 13
12 de junho de 1970

PLACAR 14
19 de junho de 1970

PLACAR 14-A
19 de junho de 1970

PLACAR 15
julho de 1970

PLACAR 16
3 de julho de 1970

★★★★
1994

EDIÇÃO ESPECIAL 1
junho de 1994

EDIÇÃO ESPECIAL 2
junho de 1994

EDIÇÃO ESPECIAL 3
junho de 1994

EDIÇÃO ESPECIAL 4
julho de 1994

QUER

EDIÇÃO ESPECIAL 5 julho de 1994

EDIÇÃO ESPECIAL 6 julho de 1994

EDIÇÃO ESPECIAL 8 julho de 1994

EDIÇÃO ESPECIAL 9 julho de 1994

PLACAR 1225 / 4 de junho de 2002

PLACAR 1226 / 10 de junho de 2002

PLACAR 1227 / 14 de junho de 2002

PLACAR 1228 / 18 de junho de 2002

PLACAR 1229 / 22 de junho de 2002

GRUPO Abril
PLANOS MENSAIS, SEMESTRAIS E ANUAIS
A PARTIR DE
130,00 /mês
Assine agora: www.assinegobox.com.br
Go

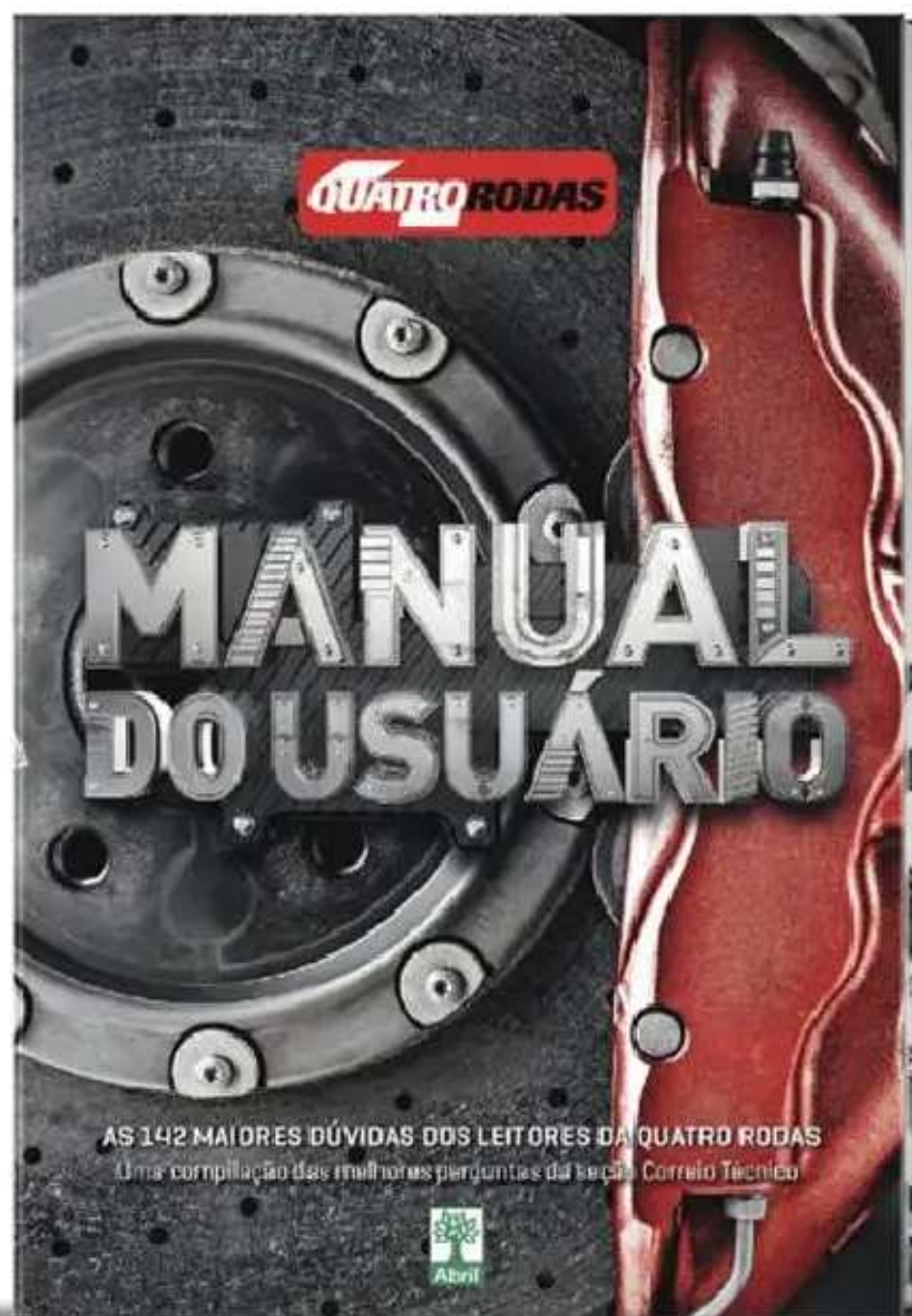
DÚVIDAS QUE VOCÊ SEMPRE TEM. DÚVIDAS QUE VOCÊ NEM SABIA QUE TINHA.

QUATRO RODAS

MANUAL DO USUÁRIO

AS 142 MAIORES DÚVIDAS DOS LEITORES DA QUATRO RODAS

Uma compilação das melhores perguntas da seção Correio Técnico

Abril

Uma seleção com o que há de mais importante, interessante ou inusitado sobre mecânica, legislação e hábitos ao volante.

JÁ NAS BANCAS E LIVRARIAS.